



quando
te
vejo



HOLLY MILLER

Tradução
Giu Alonso



Harper
Collins
Rio de Janeiro, 2021

Sumário



PRÓLOGO

1 | Callie

PARTE UM

2 | Joel

3 | Callie

4 | Joel

5 | Callie

6 | Joel

7 | Callie

8 | Joel

9 | Callie

10 | Joel

11 | Callie

12 | Joel

13 | Callie

14 | Joel

15 | Callie

16 | Joel

17 | Callie

18 | Joel

19 | Callie

20 | Joel

21 | Callie

22 | Joel

23 | Callie

24 | Joel

PARTE DOIS

- 25 | Callie
- 26 | Joel
- 27 | Callie
- 28 | Joel
- 29 | Callie
- 30 | Joel
- 31 | Callie
- 32 | Joel
- 33 | Callie
- 34 | Joel
- 35 | Callie
- 36 | Joel
- 37 | Callie
- 38 | Joel
- 39 | Callie
- 40 | Joel
- 41 | Callie
- 42 | Joel
- 43 | Callie
- 44 | Joel
- 45 | Callie
- 46 | Joel
- 47 | Callie
- 48
- 49 | Callie
- 50 | Joel
- 51 | Callie
- 52 | Joel

PARTE TRÊS

- 53 | Callie
- 54 | Joel

55 | Callie
56 | Joel
57 | Callie
58 | Joel
59 | Callie
60 | Joel
61 | Callie
62 | Joel
63 | Callie
64 | Joel
65 | Callie
66 | Joel
67 | Callie
68 | Joel
69 | Callie
70 | Joel
71 | Callie
72 | Joel

PARTE QUATRO

73 | Callie
74 | Joel — seis meses depois
75 | Callie — seis meses depois
76 | Joel — onze meses depois
77 | Callie — onze meses depois
78 | Joel — dezoito meses depois
79 | Callie — dezoito meses depois
80 | Joel — dois anos depois
81 | Callie — dois anos depois
82 | Joel — três anos depois
83 | Callie — três anos depois
84 | Joel — quatro anos depois
85 | Callie — quatro anos depois

- 86 | Joel — cinco anos depois
87 | Callie — cinco anos depois
88 | Joel — seis anos depois
89 | Callie — seis anos depois
90 | Joel — seis anos e meio depois
91 | Callie — seis anos e meio depois
92 | Joel — oito anos depois

EPÍLOGO

- 93 | Joel
94 | Callie

Agradecimentos

Sobre a autora

PRÓLOGO

1

Callie



Joel, eu sinto muito. Ver você de novo daquele jeito... Por que eu entrei no trem? Deveria ter esperado pelo próximo. Não faria diferença. Perdi minha estação de qualquer forma, e nos atrasamos para o casamento.

Porque, durante todo o caminho até Londres, eu só conseguia pensar em você, no que você talvez tivesse escrito naquele bilhete que me deu. Aí, quando finalmente abri o papel, encarei suas palavras por tanto tempo que, quando ergui os olhos, a estação de Blackfriars já tinha passado.

Havia um oceano de coisas que eu queria — precisava — te dizer também. Mas minha mente travou quando te vi. Talvez eu estivesse com medo de falar demais.

Mas e se fosse hoje, Joel? E se hoje fosse a última vez em que vou ver seu rosto, ouvir sua voz?

O tempo está passando, e eu sei o que vai acontecer.

Eu queria ter ficado. Só mais alguns minutos. Sinto muito.

PARTE UM

2

Joel



É uma da madrugada. Estou de pé e sem camisa na janela da sala. O céu está limpo, pontilhado de estrelas, a lua um círculo perfeito.

A qualquer momento, meu vizinho Steve vai sair do apartamento acima do meu. Vai entrar no carro com a bebê se remexendo furiosamente na cadeirinha. Ele leva Poppy para passeios no meio da noite, tentando acalmar seu sono com o ronco do motor e sua playlist de sons de animais.

Aí vem ele. Os passos pesados de sono nas escadas, Poppy resmungando. Como sempre, ele tem problemas para abrir nosso intratável portão. Eu observo enquanto ele se aproxima do carro, destranca a porta e hesita. Está confuso, sabe que tem algo de errado. Mas seu cérebro ainda está tentando compreender.

Por fim, ele compreende. Solta um palavrão, coloca a mão na cabeça. Sem acreditar, dá duas voltas ao redor do veículo.

Sinto muito, Steve... Os quatro pneus. Alguém com certeza furou. Você não vai a lugar nenhum hoje à noite.

Por um momento ele se torna uma estátua, iluminado pelo brilho artificial do poste. Então algo o faz olhar diretamente para a janela em que estou parado.

Eu me controlo. Contanto que permaneça parado, deve ser quase impossível que me veja. Minhas persianas estão fechadas, e o apartamento está tão silencioso e escuro quanto um réptil

descansando. Ele não tem como saber que estou observando tudo.

Por um momento nossos olhares se cruzam, antes que ele desvie, balançando a cabeça enquanto Poppy faz um show para a vizinhança com um grito oportuno.

Uma luz surge na casa em frente. O brilho atinge a rua escura, irritação transbordando da janela.

— Para com isso, cara!

Steve ergue a mão, depois se vira para voltar para dentro. Ouço os dois subindo as escadas, Poppy gritando com determinação pelo caminho todo. Steve está acostumado a ter horários pouco convencionais, mas Hayley com certeza está tentando dormir. Ela voltou ao trabalho recentemente em uma prestigiada firma de advocacia em Londres, o que significa que terá problemas se cochilar nas reuniões.

Ainda assim. Minhas tarefas de hoje estão terminadas. Eu risco o item no meu caderno, então me sento no sofá, abrindo um pouco as persianas para conseguir ver as estrelas.

Então me recompenso com uma dose de uísque, porque é o que faço em ocasiões especiais. Resolvo servir uma dose dupla, que viro de uma vez só.

Vinte minutos depois, fico pronto para desabar. Estou em busca de um tipo muito específico de sono, e tudo que fiz hoje deve me ajudar a conseguir isso.

— Ele está sempre com tanto calor — diz minha vizinha de 80 e poucos anos, Iris, quando passo em sua casa algumas horas depois para caminhar com seu labrador amarelo, Rufus.

Ainda não são nem oito da manhã, o que pode explicar por que não tenho a menor ideia de quem ela está falando. Seu vizinho, Bill, que aparece quase toda manhã com uma fofoquinha nova ou algum folheto curioso? O carteiro, que acabou de acenar alegremente para nós pela janela da sala?

Carteiros. Sempre inacreditavelmente felizes ou mais tristes que a morte. Nunca um meio-termo.

— Ele está dormindo na cozinha, porque os azulejos são mais frescos.

É claro. Está falando do cachorro. Isso acontece mais do que eu gostaria: estar exausto demais para ter uma conversa simples com alguém com pelo menos o dobro da minha idade.

— Boa ideia. — Sorrio. — Acho que vou tentar também.

Ela me lança um olhar.

— Isso não vai fazer muito sucesso com as mulheres, não é mesmo?

Ah, As Mulheres. Quem são mesmo? Iris parece convencida de que há uma fila delas por aí, ansiosas para deixar a própria vida para depois só pela chance de passar um tempo com um cara como eu.

— Você acha que ele aguenta? — pergunta ela, apontando para Rufus. — Aí fora, nesse calor?

Eu era veterinário. Não sou mais. Mas acho que Iris se sente mais confortável por causa da minha carteirada.

— Hoje está mais fresco — asseguro. Ela tem razão, está fazendo calor esses dias, considerando que estamos em setembro. — Vamos até o lago, nadar um pouquinho.

Iris sorri.

— Vai nadar também?

Balanço a cabeça.

— Prefiro cometer meus atentados ao pudor fora do expediente. É mais interessante assim.

Ela se anima como se as minhas piadas ruins fossem o ponto alto do seu dia.

— Nós temos muita sorte de ter você, não é mesmo, Rufus?

Para ser sincero, Iris é bem incrível. Ela usa brincos em formato de frutas e tem uma conta premium no Spotify.

Eu me abaixo para prender a guia na coleira de Rufus, que fica de pé devagar.

— Ele ainda está um pouco cheinho, Iris. Isso não vai ajudar a refrescar. Como está a dieta dele?

Ela dá de ombros.

— Ele sente o cheiro de queijo a quinze metros, Joel. O que eu posso fazer?

Eu suspiro. Já faz oito anos que brigo com Iris sobre a alimentação de Rufus.

— Qual foi o nosso acordo? Eu passeio com ele, você cuida do resto.

— Eu sei, eu sei. — Ela começa a nos expulsar da sala de estar com a bengala. — Mas eu não resisto a essa carinha dele.

Já estou com três cachorros a reboque quando chego ao parque. (Caminho com mais dois além de Rufus, para ex-clientes que têm dificuldade de locomoção. Tenho um quarto cliente também, um dogue alemão chamado Bruno. Mas Bruno tem dificuldades de socialização e uma força imensa, então saio com ele à noite.)

Embora o dia esteja mesmo mais fresco do que ontem, cumpro a promessa que fiz a Iris a respeito do lago. Solto as guias dos cães, e vê-los disparar como cavalos até a água me alegra.

Respiro fundo. Tento me convencer de novo de que o que fiz ontem à noite foi correto.

Tem que ser. Porque essa é a questão: quase minha vida inteira tive sonhos proféticos. O tipo de visões lúcidas e vívidas que me tiram o sono. Elas me mostram o que vai acontecer, dias, semanas, anos no futuro. E o tema é sempre pessoas que amo.

Os sonhos acontecem com uma frequência quase semanal, mais ou menos equilibrados entre bons e ruins. Mas são as premonições sinistras que mais temo: os acidentes e as doenças, a dor e o azar. É por causa delas que estou o tempo todo tenso, sempre alerta. Sempre me perguntando qual será a próxima vez em que terei que mudar o destino, correr para intervir nos planos de outra pessoa.

Ou, pior, para salvar uma vida.

Acompanho meus pupilos caninos pela margem abrindo um sorriso para um grupo de outros passeadores de cachorro, mas me mantenho longe. Eles se reúnem quase toda manhã perto da ponte e sempre me chamam quando cometo o erro de fazer contato visual. Mantenho distância desde a vez em que começaram a trocar dicas de como dormir bem, a conversa se voltando para simpatias caseiras e terapias, remédios e rotinas. (Eu dei uma desculpa e sumi. Não parei para conversar com eles nunca mais.)

A coisa toda simplesmente é difícil demais para mim. Porque, na minha busca por uma noite sem sonhos, já tentei de tudo.

Dietas, meditação, afirmações. Lavanda e ruído branco. Bebidas lácteas. Remédios para dormir com efeitos colaterais, óleos essenciais. Exercícios tão pesados que tive que parar para vomitar. Períodos esporádicos de porres pesados quando tinha 20 e poucos anos, sob a teoria incorreta de que poderia alterar meu ciclo de sono. Mas anos de experimentos me provaram que isso é imutável. E nada que fiz jamais foi capaz de alterar.

Ainda assim, é uma questão de matemática simples: menos sono igual a menos sonhos. Então, atualmente, fico acordado até altas horas, auxiliado pela tecnologia e por um vício pesado em cafeína. Depois me permito um período curto e controlado de sono. Já treinei minha mente para me acostumar com isso, me despertando de pronto depois de poucas horas.

Inclusive é por isso que no momento preciso de café e para já. Assobio para chamar os cachorros que ainda estão na água e sigo pela trilha ao longo do rio. Na estrada, à minha direita, a vida real começa a acelerar. Trânsito da hora do rush, ciclistas, pessoas indo para o trabalho a pé, vans de entregas. Uma orquestra dissonante, afinando-se para uma manhã comum de semana.

Isso tudo me traz uma nostalgia estranha de normalidade. Não tenho muita capacidade mental no momento para um emprego fixo, amizades ou saúde. A preocupação e a falta de sono me deixam perpetuamente exausto, distraído e tenso.

Para evitar que toda essa situação acabe comigo, eu sigo algumas regras mais ou menos fixas: tenho que me exercitar diariamente, não devo beber muito, preciso me manter longe do amor.

Só confessei a verdade para duas pessoas na minha vida, e a segunda vez me fez jurar que seria a última. Então é por isso que não posso contar a Steve que, ontem à noite, eu agi por conta de uma premonição febril sobre Poppy. Minha afilhada, a quem amo tanto quanto minhas sobrinhas de sangue. Vi a coisa toda: Steve, exausto, sem conseguir frear em um cruzamento com Poppy no banco de trás. Vi seu carro colidir com um poste a cinquenta quilômetros por hora. Depois, os bombeiros tiveram que cortar as ferragens para chegar até ela.

Então eu fiz o que tinha que fazer. Isso valeu aquela dose dupla de uísque, para ser sincero.

Prendo as coleiras dos cachorros de novo e me encaminho para casa. Preciso evitar Steve, pelo menos por um tempinho. Quanto mais conseguir me manter fora do caminho, menor é a chance de ele me ligar ao que aconteceu ontem à noite.

Depois que deixar os cachorros, vou procurar uma cafeteria onde me esconder, acho. Um lugar onde possa beber meu café em um canto, anônimo e invisível.



— Não vai me dizer que nunca aconteceu com você antes.

Eu e Dot estamos limpando as mesas da cafeteria depois do fechamento, trocando teorias sobre o cliente que saiu mais cedo sem pagar. Esse é sempre meu momento favorito do dia — as coisas se acalmando, nós trocando histórias, o salão ficando um brinco de novo. Do outro lado da janela, o ar do início de setembro é cálido e delicado como a pele de um pêssego.

— Pode só ter sido um erro — digo.

Dot passa a mão pelo cabelo curtinho platinado.

— Fala sério. Faz quanto tempo que você trabalha aqui?

— Um ano e meio. — Parece mais inacreditável cada vez que digo isso.

— Um ano e meio, e você ainda não tinha atendido um caloteiro. — Dot meneia a cabeça. — Você deve ter a cara certa.

— Tenho certeza de que ele só se esqueceu. Acho que se distraiu com Murphy.

Murphy é meu cachorro, um vira-lata marrom e preto. Bom, ele é mais ou menos meu. Seja como for, está vivendo sua vida dos sonhos de cachorro da cafeteria, porque o que mais temos são pessoas dispostas a mimá-lo e alimentá-lo com petiscos ilícitos.

Dot bufa.

— A única coisa que aquele cara esqueceu foi a carteira.

Eu nunca tinha visto aquele homem antes. Mas, para falar a verdade, eu nunca tinha visto muitos dos clientes de hoje. A cafeteria concorrente no topo do morro em geral absorve a clientela da hora do rush vinda de Eversford, a cidadezinha onde vivi minha vida toda. Mas a loja fechou esta manhã, sem aviso, e quem normalmente comprava seu café lá começou a aparecer aqui sem fazer alarde assim que abrimos, cheios de ternos risca de giz, loção pós-barba e sapatos bem engraxados.

Mas aquele cliente era diferente. Na verdade, fico até meio envergonhada de admitir o quanto ele chamou minha atenção. Ele não poderia estar a caminho de nenhum escritório — o cabelo escuro ainda estava bagunçado de dormir, e ele parecia exausto, como se tivesse passado por uma noite difícil. De início, achei que estava distraído quando fui anotar seu pedido, mas, quando o homem por fim voltou os olhos para mim, seu olhar me capturou e não soltou mais.

Não trocamos mais do que meia dúzia de palavras, mas me lembro de que, antes de sair sem pagar — e entre momentos em que ele rabiscava em um caderninho —, ele teve algum tipo de ligação silenciosa com Murphy.

— Acho que ele talvez fosse escritor. Estava com um caderno.
Dot discorda, bufando.

— Claro, um escritor morto de fome. Só você para ver um roubo com lentes cor-de-rosa.

— Tá, mas se dependesse de você a gente colocaria uma daquelas placas, que nem nos postos de gasolina: *Fiado só amanhã...*

— Mas essa é uma *ótima* ideia!

— Não foi uma sugestão.

— Quem sabe da próxima vez eu derrube o cara com meu melhor *roundhouse*.

Eu não duvidava de que ela fizesse isso — Dot tinha começado a fazer kickboxing recentemente, comprometendo-se à luta com uma energia que eu invejava. Ela sempre estava pronta para a próxima atividade, correndo pela vida como uma criatura selvagem e livre.

Por outro lado, ela acha que eu me escondo do mundo — que me encolho pelos cantos, assustada pelas luzes. Provavelmente tem razão.

— Nada de golpes de caratê nos clientes — aviso. — Norma da casa.

— De qualquer forma, não vai ter próxima vez. Eu memorizei a cara dele. Se encontrar esse aí pela cidade, vou exigir meus dez paus.

— Mas ele só tomou um café.

Dot dá de ombros.

— Imposto devido por quem consome e não paga.

Abro um sorriso e passo por ela a caminho do escritório para imprimir a nota fiscal da entrega da manhã seguinte. Mal saí por um minuto quando ouço Dot gritar:

— Estamos fechados! Volte amanhã!

Quando estico o pescoço para fora do escritório, reconheço a figura na porta. Parece que Murphy também o reconhece — está farejando a porta, ansioso, balançando o rabo.

— É ele — digo, sentindo um ligeiro frio no estômago. Alto e magro, camiseta cinza, jeans escuro. Pele que sugere um verão

passado ao ar livre. — O cara que esqueceu de pagar.

— Ah.

— Incrível capacidade de observação, Sherlock.

Bufando, Dot abre o trinco e gira a chave, puxando a porta só um tantinho. Não escuto o que ele diz, mas suponho que veio pagar a conta, porque ela tira a corrente da porta e abre para deixá-lo entrar. Enquanto o homem entra, Murphy recua, ainda balançando o rabo, as patinhas batendo no chão animadamente.

— Mais cedo eu saí sem pagar — diz ele, irritado, com um remorso tocante. — Totalmente sem querer. Aqui. — Ele entrega uma nota de vinte para Dot, passa a mão pelos cabelos e dá uma olhada para mim. Seus olhos são grandes e escuros, da cor de terra molhada.

— Vou pegar seu troco — respondo.

— Não, pode ficar. Eu agradeço. E sinto muito.

— Não quer levar alguma coisa para a viagem? Outro café, um bolo? Como agradecimento pela honestidade.

Além de tudo, algo no seu comportamento simplesmente parece implorar por uma gentileza.

Ainda tem um pouco de *dømmekage* —, um bolo dinamarquês bem fofinho com cobertura de coco caramelizado cuja tradução é basicamente *bolo dos sonhos*. Eu embalo uma fatia e ofereço para ele.

O rapaz para um momento, esfrega o crescente de barba por fazer no queixo, sem saber como reagir. Então pega a embalagem, a ponta de seus dedos tocando os meus.

— Obrigado.

Ele abaixa a cabeça e vai embora, uma brisa cálida entrando na cafeteria quando ele abre a porta.

— Bom... — comenta Dot. — *Esse* era um cara de poucas palavras.

— Acho que deixei ele sem jeito com o bolo.

— É, o que foi aquilo? *Outro café?* — Ela me imita. — *Um bolinho?*

Mal consigo controlar meu rubor.

— Pelo menos ele voltou para pagar a dívida. O que prova que você é uma grandessíssima de uma cínica.

— Até parece. Com a fatia de *drommekage* a gente mal teve lucro.

— Essa não é a questão.

Dot ergue uma das sobrancelhas feitas.

— Nosso chefe pode discordar. Ou pelo menos o contador discordaria.

— Não, Ben te diria para ter mais fé na humanidade. Você sabe... dar uma chance para as pessoas.

— Então, o que você vai fazer hoje à noite? — Dot tem um sorriso nos olhos quando passa por mim para pegar o casaco no escritório. — Dormir ao relento para caridade? Lançar um restaurante popular temporário?

— Engraçadinha. Acho que só vou passar um tempo no Ben, ver como ele está.

Dot não responde. Sei que ela acha que carrego preocupação de mais com Ben, que passo tempo demais pensando no passado.

— E você?

Ela surge de novo com os óculos escuros no topo da cabeça.

— Vou fazer esqui aquático.

Dou um sorriso. *É claro... o que mais?*

— Você deveria vir comigo.

— Não, eu sou desajeitada demais.

— E daí? É só água.

— Não, é melhor eu...

Ela me encara, séria.

— Você sabe o que eu penso, Cal.

— Sei.

— Já entrou no Tinder?

— Não. — *Por favor, não insista.*

— Ou eu posso te arrumar um encontro...

— Eu sei. — A Dot é capaz de tudo. — Divirta-se.

— Eu diria o mesmo, mas... — Ela dá uma piscadela afetuosa.

— Te vejo amanhã.

E, com uma última borrifada de Gucci Bloom, ela vai embora.

Depois que Dot sai, eu desligo as luzes uma a uma antes de me sentar no meu banco de sempre, o último, ao lado da janela, para respirar o perfume de café e pão. Sem pensar, pego meu celular do bolso, digito o número de Grace e aperto “ligar”.

Não. Você não pode continuar assim. Para.

Desligo a ligação e bloqueio a tela de novo. Ligar para ela é um hábito que estou me esforçando para abandonar, mas a visão de seu nome no meu telefone me dá uma animação, uma explosão de luz de sol em um dia cinzento.

Deixando meu olhar passear pela janela, inesperadamente me vejo encarando os olhos escuros e atentos do cara do caderno, de mais cedo. Com um susto, começo a sorrir, mas é tarde demais —

ele olha para a calçada e se torna uma sombra, caminhando a passos largos pela luz fraca da noite.

Não está mais com a embalagem do bolo. Ou já comeu, ou jogou na primeira lixeira que encontrou.

Joel



Desperto de um salto às duas da madrugada. Saio da cama devagar e pego meu caderno, tentando não despertá-la.

O calor da semana passada se foi, e o apartamento está meio gelado. Visto um casaco de capuz e calças de moletom, e sigo para a cozinha.

Sento no balcão e anoto tudo.

Meu irmão mais novo, Doug, vai ficar todo animado. Sonhei que sua filha, Bella, vai ganhar uma bolsa de estudos para o colégio particular local quando ela completar 10 anos. Uma incrível nadadora, aparentemente, ganhando várias medalhas todo fim de semana. É engraçado como as coisas são. Doug foi banido da piscina local na infância por molhar todo mundo ao se jogar na água e mandar os salva-vidas para aquele lugar.

Bella ainda nem tem 3 anos. Mas a ideia de Doug é que nunca é cedo demais para planejar o potencial. Ele já colocou o Buddy, de 4 anos, na escolinha de tênis, além de assistir a *Britain's Got Talent* para aprender a ser um pai insuportável.

Por outro lado, meu sonho confirmou que vai valer a pena. Faço uma anotação, sublinhando três vezes, para me lembrar de comentar sobre clubes de natação com ele o mais rápido possível.

— Joel?

Melissa está me observando da porta, imóvel como uma espiã.

— Pesadelo?

Balanço a cabeça e digo que não, o sonho foi bom.

Melissa está usando minha camiseta, que provavelmente vai usar para voltar para casa também. Ela acha que é fofo fazer isso. Mas eu preferia não ter que manter um inventário do meu próprio guarda-roupa.

Então ela se aproxima de mim e se senta em um banco. Cruza as pernas nuas e passa a mão na juba de cabelo louro-dourado.

— Sonhou comigo?

Ela dá uma piscadela que é ao mesmo tempo coquete e ridícula.

Isso seria impossível, quero dizer, mas me controlo. Ela não sabe nada sobre a natureza dos meus sonhos e vai continuar sem saber.

Faz quase três anos que saio com Melissa, normalmente uma vez por mês, com pouco contato entre um encontro e outro. Steve já parou para conversar com ela mais vezes do que eu gostaria, como se achasse que vale a pena conhecê-la melhor. Até Melissa acha isso engraçado e começou a puxar papo no corredor só para me provocar.

Dou uma olhada no relógio da cozinha. Prendo um bocejo.

— Está no meio da noite. Você deveria voltar a dormir.

— Nah. — Ela suspira, lânguida, e cutuca uma das unhas. — Já acordei. Vou ficar aqui com você.

— Que horas você vai trabalhar?

Melissa é gerente de comunicação no escritório londrino de uma companhia de mineração africana. Seu horário de trabalho com frequência começa às seis da manhã.

— Cedo demais — diz ela, revirando os olhos, irritada. — Vou ligar e dizer que estou doente.

Eu estava planejando fazer um passeio com meu amigo Kieran logo cedo, querendo parar na cafeteria para o café da manhã. Já voltei lá várias vezes depois da confusão da semana passada, quando saí sem pagar.

Inicialmente, admito, senti tipo uma obrigação moral de voltar. Mas agora tem mais a ver com o cachorro que está sempre por lá e com o café, que é ótimo. Além da recepção calorosa que recebo apesar de ter sido um cliente menos que exemplar na primeira vez em que apareci no lugar.

— Na verdade... eu meio que tenho planos.

Meu estômago se contrai com culpa quando digo isso.

Ela inclina a cabeça.

— Que fofo. Sabe, eu continuo sem entender por que você ainda está solteiro.

— Você está solteira — comento, como faço toda vez que ela aparece.

— Sim, mas eu quero estar.

Essa é uma das teorias de Melissa. Que estou desesperado por um relacionamento, doido para ser o namorado de alguém. Eu passei cinco anos solteiro antes de conhecê-la, um fato que a diverte demais, como um gato que capturou um rato. Às vezes ela até briga comigo por ser grudento demais, quando mando uma mensagem depois de um mês de silêncio, para ver se ela está a fim de me encontrar.

Mas Melissa está errada. Eu fui honesto desde o início, perguntei se estava de acordo com algo totalmente casual. Ela riu

e concordou. Disse que eu era muito metido.

— Sabe, um dia eu vou abrir esse caderninho enquanto você estiver dormindo e vou ver exatamente o que você tanto escreve aí.

Dou uma risada fraca e olho para baixo, sem ter coragem de responder.

— É alguma coisa digna de vender para os jornais?

É capaz de ela poder fazer mesmo isso: está tudo aqui. Um sonho por semana nos últimos 28 anos, e eu faço essas anotações há 22.

Escrevo tudo caso eu tenha que agir. Mas de vez em quando simplesmente preciso deixar um sonho ruim acontecer. Deixo para lá quando são menos sérios ou quando não consigo ver como interferir. Nenhuma das duas opções é a ideal para um homem como eu.

Mesmo assim, como pérolas jogadas aos porcos, sonhos felizes brilham entre os ruínas. Promoções, gravidezes, pequenas sortes. E também tem os sem graça, sobre as rotinas mundanas da vida. Cortes de cabelo e lanchonetes, trabalho doméstico e dever de casa. Posso ver o que Doug vai jantar (*miúdos, sério?*). Ou descubro que meu pai vai ficar em primeiro lugar no campeonato local de badminton, ou que minha sobrinha vai esquecer o uniforme de educação física.

As datas e os horários relevantes estão claros na minha mente sempre que desperto. Eles se alojam ali com a mesma certeza que tenho sobre meu aniversário ou sobre o Natal.

Presto atenção em tudo, até nas coisas mais bobas. Registro tudo no meu caderno. Caso exista um padrão, uma pista ali em

algum lugar. Algo que não posso correr o risco de perder.

Dou uma olhada para o caderno no balcão. Me preparo, caso Melissa tente pegá-lo. Ela percebe na hora e dá um sorriso doce, me diz para relaxar.

— Quer um café? — pergunto, tentando diminuir o brilho nos seus olhos.

Ainda assim, sinto uma pontada de remorso. Apesar de sua atitude imperturbável, tenho certeza de que ela gostaria de vir aqui e pelo menos uma vez dormir uma noite inteira como uma pessoa normal.

— Sabe, com todo o seu dinheiro você bem que poderia comprar uma cafeteira de verdade. Ninguém mais bebe café solúvel.

Do nada, uma imagem da cafeteria me vem à mente. De Callie me entregando minha bebida e da rua de paralelepípedos que vejo do meu lugar à janela. Isso me assusta um pouco, e eu me forço a deixar para lá, servindo o café em duas canecas.

— Com todo o meu dinheiro, qual?

— Eu amo você fingindo que é pobre. Era veterinário, e agora nem trabalha.

Isso só é parcialmente verdade. Sim, tenho algumas economias. Mas só porque percebi a tempo que meu futuro no emprego estava incerto. E minha poupança não vai durar para sempre.

— Açúcar? — pergunto para mudar de assunto.

— Já sou doce o bastante.

— Isso é discutível.

Ela me ignora.

— Então, vai comprar?

— O quê?

— Uma cafeteira decente.

Eu cruzo os braços e me viro para encará-la.

— Para quando você aparecer aqui uma vez por mês?

Ela dá uma piscadela.

— Sabe, se você começasse a me tratar bem de verdade, poderia até ter uma chance de alguma coisa a mais.

Eu devolvo a piscadela e bato a colher na beirada da caneca.

— Solúvel, então.

Tive meu primeiro sonho profético aos 7 anos, numa época em que era muito próximo do meu primo Luke. Nós nascemos com apenas três dias de diferença e passávamos todo o tempo livre juntos. Jogos de computador, passeios de bicicleta, caminhando por aí com os cachorros.

Uma noite, sonhei que Luke pegava seu atalho de sempre pelo campo no caminho do colégio e do nada era atacado por um cachorro preto. Acordei às três da manhã bem no momento em que o cão fechava as presas no rosto de Luke. Pulsando em minha mente como uma enxaqueca estava a data em que aquilo ia acontecer.

Eu tinha poucas horas para impedir.

No café da manhã, sem conseguir comer nada, contei tudo para minha mãe, implorando que ela ligasse para a irmã do meu pai, mãe de Luke. Ela recusou, sem se alterar, muito calma, e me tranquilizou dizendo que tinha sido só um pesadelo. Prometeu que eu encontraria Luke na escola, são e salvo.

Mas Luke não estava na escola, são e salvo. Então saí correndo para a sua casa, tão rápido que senti gosto de sangue na garganta.

Um homem que não reconheci atendeu a porta. *Ele está no hospital,* me disse. *Foi atacado por um cachorro hoje no campo.*

Minha mãe ligou para minha tia naquela noite e ficou sabendo de todos os detalhes. Um cachorro preto tinha atacado Luke no caminho para a escola. Ele precisou de cirurgias plásticas no rosto, no braço esquerdo e no pescoço. Teve sorte de sobreviver.

Depois de desligar o telefone, minha mãe se sentou comigo na sala, nós dois muito quietos no sofá. Meu pai ainda não tinha chegado. Ainda lembro do cheiro da canja de galinha que ela havia preparado. O som reconfortante dos meus irmãos discutindo no andar de cima.

— É só uma coincidência, Joel — repetia minha mãe. (Hoje em dia eu me pergunto se ela estava tentando convencer a si mesma.) — Você sabe o que é isso, não sabe? Quando alguma coisa acontece por acaso.

Minha mãe trabalhava na firma de contabilidade do papai nessa época. Ela ganhava a vida como ele, lidando com as coisas de forma lógica, olhando os fatos. E o fato é que as pessoas não têm poderes psíquicos.

— Eu *sabia* que ia acontecer — falei, aos soluços, inconsolável. — Eu poderia ter impedido.

— Entendo que você pense isso, Joel — sussurrou ela —, mas foi só uma coincidência. Você precisa se lembrar disso.

* * *

Nós nunca contamos a ninguém. Meu pai teria ignorado, dito que era loucura, e meus irmãos eram jovens demais para entender e

talvez até se importar. *Vamos manter isso entre nós dois*, a mamãe disse. Então foi o que fizemos.

Até hoje, o restante da minha família não sabe a verdade. Eles acham que sou ansioso e paranoico. Que meus avisos misteriosos e intervenções doidas têm a ver com a perda da mamãe, que ainda não superei. Doug acha que eu deveria tomar algum remédio para isso, porque acredita que tem remédio para tudo. (Spoiler: não tem.)

Será que Tamsin, minha irmã, suspeita de algo? É possível. Mas eu mantive os detalhes deliberadamente vagos, e ela não faz perguntas.

Não posso dizer que nunca senti a tentação de contar tudo a eles. Mas quando essa vontade surge, tudo que preciso fazer é me lembrar da vez em que fui inocente o bastante para procurar um profissional. O desprezo em seus olhos e o escárnio em seus lábios foram o suficiente para me fazer prometer nunca mais confiar em ninguém.



Certa sexta à noite no meio de setembro me traz uma ligação tipicamente irritante da imobiliária.

— Sinto dizer, mas tenho más notícias, srta. Cooper.

Faço uma careta e lembro a Ian que ele pode me chamar de Callie — já passamos por muitas coisas nos últimos anos.

Ele repete meu nome devagar, como se estivesse anotando pela primeira vez.

— Certo, Callie. Então, o sr. Wright acabou de nos informar que vai vender seu imóvel.

— Que imóvel? Como assim?

— O seu apartamento. Noventa e dois B. Não, espera... C.

— Sim, eu sei meu endereço. Você está mesmo me despejando?

— Preferimos dizer que você recebeu o aviso. Você tem um mês.

— Mas por quê? Por que ele está vendendo o apartamento?

— Não é mais comercialmente viável.

— Mas eu sou uma pessoa. Sou viável. Pago o aluguel.

— Por favor, não fique chateada.

— Você acha que... talvez o próximo dono queira alugar também? Eu poderia continuar no apartamento.

Eu gosto dessa possibilidade, pelo menos... Teria mais direitos, poderia fazer exigências para o proprietário para variar, não o contrário.

— Ah, não. Ele definitivamente quer que você saia. Precisa dar uma ajeitada no apartamento antes de vender.

— Bom saber. Mas eu não tenho para onde ir.

— Não está desempregada, está?

— Não, mas...

— Tem vários imóveis disponíveis no momento. Vou te mandar algumas oportunidades por e-mail.

Nada como receber o aviso de despejo, percebo, para te fazer se sentir um completo e colossal fracasso.

— Ótima maneira de começar meu fim de semana, Ian.

Eu me pergunto se ele faz todas as ligações de despejo na sexta-feira à noite.

— Sério? Sem problemas!

— Não, eu estava... Olha — digo, desesperada. — Será que você poderia me encontrar alguma coisa com um jardim? Meu apartamento fica no último andar, então não tenho acesso ao aqui... Mas mesmo se tivesse, seria como passar o tempo num ferro-velho. Está quase todo coberto de cimento, cheio de lixo: umas espreguiçadeiras enferrujadas, um varal quebrado, uma coleção de cadeiras caindo aos pedaços e três carrinhos de mão abandonados. Eu não me importo que seja bagunçado, ao contrário, não quero nada de revista de decoração, mas entrar no jardim daqui é pedir para tomar uma antitetânica.

Ian dá uma risada.

— O orçamento é o mesmo?

— Capaz de ser até menos.

— Você é muito engraçada. Ah, e Callie... Imagino que tenha resolvido o problema das abelhas?

— Abelhas? — repito, toda inocente.

Ian hesita. Ouço seus dedos digitando furiosamente.

— É isso mesmo. Estavam entrando e saindo do forro perto da sua janela da sala.

Estavam mesmo. O casal do apartamento do lado reclamou, acho. Eu dispensei Ian quando ele ligou, falei que tinha um amigo que podia me ajudar. Não é surpresa nenhuma que só lhe ocorreu perguntar disso agora, meses depois.

Eu estava tão desesperada para protegê-las, aquela casinha feliz que as abelhas estavam construindo. Elas não estavam fazendo mal nenhum — ao contrário dos reclamões, que tinham cimentado o jardim e coberto a grama com aquele troço falso dias depois de se mudar.

— Ah, sim — respondo, animada. — Tudo resolvido.

— Ótimo. Melhor não deixar elas hibernarem no inverno.

Dou um sorriso. A colmeia vai estar vazia agora, as abelhas todas já longe.

— Na verdade, abelhas não...

— Como é?

— Nada, não.

Eu desligo e repouso a cabeça no sofá. Expulsa de casa aos 34 anos. Bom, é a melhor desculpa que já ouvi para comer um pote inteiro de sorvete.

Havia uma árvore de espinheiro-branco no jardim dos vizinhos, antes de eles a arrancarem para acomodar sua vaga improvisada.

Estava toda florida na época. A nuvem de pétalas que saiu da caçamba em que jogaram a árvore arrancada me trouxe à mente os dias frescos de primavera da minha infância e a doce alegria de correr por aqueles confetes naturais enquanto meu pai me incentivava.

Também me fez lembrar do espinheiro-branco que eu via da minha mesa na fábrica de embalagens em que eu trabalhava. Eu amava aquele ponto solitário de vida no meio do complexo industrial. Talvez tenha sido plantado por um pássaro ou por alguém que se sentia tão desesperado quanto eu naquela época. Por anos observei a árvore passando pelas estações, admirando os botões de flores na primavera, um rebuliço de folhagens no verão, o esplendor de cor de ferrugem no outono. Amava a árvore até no inverno, a geometria de seus galhos nus tão bela para mim quanto uma escultura em uma galeria.

Eu caminhava até ela todos os dias durante o almoço, às vezes só para tocar o tronco ou olhar suas folhas. Em dias mais quentes, comia meu sanduíche sob a copa, apoiada na mureta. No meu terceiro verão, alguém claramente ficou com pena de mim e largou um velho banco de madeira ali.

Mas, no começo do meu sexto verão lá, a árvore foi cortada para dar lugar a uma área de fumantes. Isso me dava um embrulho no estômago por algum motivo que eu não conseguia explicar, ver aqueles rostos cinzentos onde folhas e galhos antes ficavam, rostos inexpressivos encarando o espaço sob aquele domo de acrílico sem vida.

* * *

Olho pela janela agora, para onde o espinheiro dos vizinhos ficava. Eu deveria entrar na internet e começar a procurar outro lugar para morar. Engraçado como é fácil para alguém arrancar as raízes de outra vida bem quando menos se espera.



Estou à beira do rio, pensando no que aconteceu mais cedo. Ou não aconteceu. É difícil dizer, na verdade.

Foi estranho quando Callie deixou meu espresso duplo assim que cheguei no café. Nossos olhos se cruzaram, e senti um arrepio quente na pele enquanto lutava para desviar o olhar.

Íris cor de mel, como areia no sol. Cabelo comprido e bagunçado no tom de avelã. Pele da mais clara baunilha. Aquele sorriso de tirar o fôlego devia ser para outra pessoa.

Mas aparentemente... era para mim.

Callie fez um gesto para Murphy, que estava encostado ao meu joelho enquanto eu fazia carinho na cabeça dele.

— Espero que ele não esteja te incomodando.

Durante minhas visitas agora quase diárias ao café na última semana, eu tinha criado uma conexão bem forte com o cachorro.

— Esse rapazinho aqui? Ah, não. A gente tem um acordo.

— É mesmo?

— Aham. Ele me faz companhia, e eu dou pedacinhos de bolo para ele quando você não está olhando.

— Quer bolo? — Um sorriso simpático. — Tem um bolo dos sonhos saindo do forno agora.

— Perdão?

— O *drommekage*. É dinamarquês, significa “bolo dos sonhos”.

Eu odiava aquele nome. Mas tenho que admitir que aquele bolo era o equivalente culinário do crack.

— Eu aceito, na verdade. Obrigado.

Ela voltou quase na mesma hora, pousando uma fatia enorme em um prato à minha frente.

— Bom apetite.

Nossos olhares se cruzaram de novo. Mais uma vez, não consegui desviar.

— Tim-tim.

Ela continuou ali. Mexeu no cordão, distraída. Era de ouro rosado, delicado, no formato de uma pomba voando.

— Então... Dia cheio? Você vai para o trabalho agora?

Pela primeira vez em muito tempo, fiquei frustrado por não conseguir dizer que sim. Por não ter nenhuma coisa interessante para falar sobre mim mesmo. Não tenho nem certeza de por que eu queria ter algo interessante para falar, na verdade. Só tinha alguma coisa nela. No jeito com que ela se movia, no brilho do seu sorriso. O tom de seu riso, rico e doce como o perfume da primavera.

Se controla, Joel.

— Eu tenho uma teoria sobre você — continuou ela então.

Pensei por um breve momento em Melissa, que tinha criado tantas teorias sobre mim que seria capaz de escrever uma tese imensa e sem sentido.

— Acho que você é escritor — disse ela, e indicou meu caderno e a caneta.

Mais uma vez tive o ímpeto de impressioná-la. Cativá-la de alguma maneira, dizer algo charmoso. Não é de se surpreender

que eu não tenha conseguido.

— Só bobagens incoerentes, infelizmente.

Ela não pareceu muito decepcionada.

— Então, o que é que você...

Mas ao mesmo tempo, atrás de nós, um cliente estava tentando chamar a atenção dela. Eu me virei e vi Dot correndo entre as mesas, fazendo uma careta de desculpas.

Callie sorriu. Indicou o balcão com a cabeça.

— Bom, é melhor eu...

Foi estranho, a vontade que tive de esticar a mão quando ela se afastou. De puxá-la gentilmente de volta para mim, para me sentir aquecido por sua presença de novo.

Faz muito tempo que me treinei a não me estender em atrações passageiras. Mas isso era diferente, um sentimento que não tinha havia anos. Como se ela trouxesse de volta à vida uma parte de mim que eu achava ter enterrado de uma vez por todas.

Fui embora logo depois. Resisti ao instinto de olhar para ela ao sair.

— Joel! Ei, Joel!

Ainda estou tentando tirar esta manhã da cabeça quando percebo que estão me chamando. Essa normalmente não é a melhor forma de chamar minha atenção, mas reconheço a voz. É Steve, e ele está vindo atrás de mim.

Estou evitando-o desde a semana passada, quando furei seus pneus. Agora, porém, acho que meus erros estão prestes a literalmente me alcançar.

Chego a considerar se deveria correr até o lago, se vale a tentativa de fugir em um pedalinho com minha pequena matilha

de cães. Mas então lembro que Steve com certeza conseguiria correr mais do que eu, me derrubar e me prender no chão, tudo no intervalo de dez segundos.

Steve trabalha como personal trainer e organiza turmas de treinamento ao ar livre para pessoas com tendências masoquistas. Ele deve ter acabado de sair de uma dessas aulas, porque está suando ao beber um shake de proteína em um copo gigante. Ele se aproxima, usando calça de moletom, tênis e uma camiseta tão grudada que parece ter sido pintada na sua pele.

— E aí, pessoal — diz ele para os meus três companheiros caninos, acompanhando meus passos.

Ele parece tranquilo. Mas podem ser só as endorfinas. Continuo andando decididamente, sem deixar nada transparecer. Se ele me perguntar sobre os pneus, vou negar tudo.

— E aí, cara?

Ou posso só não dizer nada.

Steve vai direto ao ponto, porque ele é eficiente assim.

— Joel, eu sei que foi você que furou meus pneus semana passada. — A voz dele é baixa, mas firme, como se eu fosse um moleque que ele pegou roubando cigarros na mercearia da esquina. — Eu perguntei por aí, pedi para o Rodney dar uma olhada nas filmagens. As câmeras de segurança pegaram tudo.

Ah, Rodney. Os olhos da nossa rua. Um cidadão exemplar pronto para agir. Eu deveria saber que ele seria o meu fim. As pistas já estavam lá há meses, desde que ele instalou internet de banda larga só para poder marcar a polícia em seus tweets.

Sinto uma onda de vergonha. Quero dizer algo, mas não sei o quê. Então só enfio as mãos nos bolsos e continuo andando.

— Sabe — diz Steve —, depois que você terminou, você apoiou a cabeça na lataria. Você se sentiu mal, né?

É claro que me senti mal, mesmo colocando a racionalidade de lado. Já faz muitos anos que Steve é mais um irmão para mim do que só um amigo.

— Eu *sei* que você não queria fazer aquilo, cara. Então só me fala o motivo.

Até pensar em ter essa conversa me dá a sensação de estar na beira de um precipício. Meu coração dispara, minha pele arrepia, minha boca fica seca.

— Tive que contar para Hayley — continua Steve quando me recuso a explicar.

Isso não é surpresa nenhuma: eles dois têm uma relação de verdade. Dividem tudo, não escondem nada.

— Ela não está feliz. Na verdade, está puta. Não entende o que diabo você estava pensando. Quer dizer, eu estava com a *Poppy*...

— Os pneus estavam totalmente no chão. Você não ia conseguir dirigir nem se tentasse.

Steve segura meu braço e me faz parar. A força de sua mão me impede de fazer qualquer outra coisa: sou forçado a olhá-lo nos olhos.

— Poppy é sua afilhada, Joel. O mínimo que você tinha que fazer era me dizer por quê.

— Não foi... Eu prometo que tenho um bom motivo. Ele fica esperando que eu conte.

— Não posso explicar. Desculpa. Mas não foi maldade. Steve suspira e solta meu braço.

— Olha, Joel, tudo isso... meio que confirmou uma coisa que eu e Hayley já estávamos pensando faz um tempo. A gente precisa mesmo de mais espaço, agora com a Poppy, então é melhor eu te contar... Vamos nos mudar.

Um suspiro de arrependimento.

— Me desculpa. — Preciso que ele saiba disso. — De verdade.

— A gente provavelmente não vai vender o apartamento. Pelo menos não por enquanto... Vamos alugar. O financiamento já está quase acabando, então... — Ele para e me olha como se estivesse prestes a falar algo realmente ofensivo. — Acabei de ouvir o que eu falei. Que babaca de classe média.

Steve e Hayley foram espertos e compraram o apartamento do dono do prédio quando os preços ainda estavam razoáveis.

— De jeito nenhum. Vocês trabalham tanto. É bom ficar com o lugar mesmo.

Ele assente devagar.

— Eu queria que você me contasse o que está acontecendo, cara. Eu estou... preocupado com você.

— Está tudo sob controle.

— Joel. Acho que eu posso ajudar. Já te contei...

— Foi mal — interrompo antes que ele termine. — Preciso ir. Esses caras não vão passear sozinhos.

É claro que eles fariam isso. Mas no momento os cachorros são a minha única desculpa.

Morei em Eversford minha vida inteira, fui o vizinho levemente estranho de Steve e Hayley por quase uma década.

Tentei evitá-los quando eles se mudaram para lá, mas é difícil fugir do Steve. Ele é autônomo, o que significa que tem tempo de

fazer coisas tipo levar meu lixo para fora, e receber encomendas e intimidar o dono do prédio por conta da rachadura gigantesca na parede. Então assim fomos de vizinhos para amigos.

Vicky, minha namorada da época, gostava de cultivar novos relacionamentos. Ela vivia marcando eventos para nós quatro com Hayley: drinques ao pôr do sol no quintal, churrascos nos feriados, comemorações de aniversários no centro. Ela sugeria Noites da Fogueira no parque local, fugir das crianças pedindo doces no Halloween com rum, luzes apagadas e filmes de terror.

Ela me deixou no seu aniversário depois de três anos juntos. Apresentou uma lista, uma coluna curta de prós opondo uma litania de condenáveis contras. Meu distanciamento emocional era o primeiro item da lista, mas não menos importantes eram meus problemas de convivência e minha irritação constante. Minha relutância em me soltar e minha aparente inabilidade de dormir. O caderninho que eu nunca deixava que ela lesse estava na lista também, assim como meu permanente ar de distração.

Nada daquilo foi novidade para mim nem foi injustificado. Vicky merecia muito mais de um namorado do que o relacionamento meia-boca que eu estava oferecendo a ela.

Não ajudou, tenho certeza, que eu escondesse os sonhos dela. Mas Vicky sempre me fez lembrar um pouco de Doug, porque também não era lá muito conhecida por sua empatia. Embora houvesse muito nela que eu admirasse (ambição, senso de humor, determinação), ela também era o tipo de pessoa que daria de ombros se atropelasse um coelho.

Quando ela me deixou, eu me afoguei na bebida por alguns meses. Já tinha tentado isso antes, nos meus dois últimos anos de

faculdade, depois de ler sobre os efeitos disruptivos do álcool no sono. Eu sabia que essa, no fundo, não era a resposta. Que não funcionaria mesmo. Mas acho que me convenci de que as coisas seriam diferentes daquela vez.

Não foi o que aconteceu, então parei. Provavelmente bem a tempo, porque eu estava começando a sucumbir ao apelo perigoso do vício. E a ideia de lidar com isso, além de todo o restante, era tão desejável quanto atravessar o Canal da Mancha a nado ou arrumar uma briga na academia de kung fu local.

Nos anos seguintes ao término com Vicky, Steve e Hayley se tornaram mais família que amigos para mim. Era quase como se eles estivessem abraçando a minha dor. E, quando Poppy nasceu este ano, acho que eles pensaram que ser seu padrinho seria bom para mim.

No batizado, segurei Poppy para uma foto, cheio de orgulho. Ela se mexia sem parar no meu colo, que nem um cachorrinho, quentinha e fofa. Olhei para seu rostinho, senti seu peso e sua preciosidade, e me senti preenchido de amor.

Furioso comigo mesmo, devolvi a bebê. Fiquei bêbado, quebrei duas taças de vinho. Tive que ser mandado de volta para casa mais cedo em um táxi.

Isso resolveu. As coisas não foram as mesmas desde então.

Callie



Perto do fim do mês, Ben sugere uma noite no pub, onde um amigo de um amigo está comemorando o aniversário. Estou quase cansada demais para ir depois do trabalho, mas ultimamente reluto em recusar convites do Ben — seu progresso ainda é tão frágil, como se ele estivesse emergindo da hibernação depois de um longo inverno.

Joel foi um dos últimos clientes a ir embora hoje, e pensei, por um instante enquanto ele fechava a porta do café, em sair correndo e convidá-lo a ir com a gente. Ele é de longe a melhor coisa de trabalhar no café nesse momento — ele me derruba com apenas um sorriso, me faz corar com o mais breve dos olhares. Percebi que espero por ele todos os dias, me perguntando o que posso dizer para fazê-lo sorrir.

Mas, na última hora, mudei de ideia, porque tenho quase certeza de que chamá-lo para o pub seria passar dos limites. O pobre coitado deveria poder aproveitar seu café em paz sem ser incomodado por baristas entediadas procurando companhia. De qualquer forma, alguém tão bonito com certeza é comprometido — embora, como Dot comentou, ele esteja sempre sozinho.

Sinceramente, eu me lembro, nós mal nos conhecemos — só o suficiente para trocar sorrisos e comentários rápidos, como

estrelas de galáxias próximas trocando piscadelas através do universo infinito.

A festa de aniversário é no jardim do bar, onde, por sorte, ainda está quente o suficiente para ficar ao ar livre. Vejo minha amiga Esther e o marido Gavin, além de várias pessoas que todos nós conhecíamos um pouco melhor quando Grace estava viva. Se ela estivesse aqui agora, estaria andando de um lado para outro, falando com todo mundo, o ribombar profundo de sua risada como a batida de uma música conhecida e amada.

Por um momento paro e tento ouvi-la. Porque, você sabe... vai que.

Sento no banco ao lado de Esther, e Murphy deita aos meus pés. Uma cascata de buquês de madressilvas se precipita da pérgula acima das nossas cabeças, verde-vivo e com flores brancas como espuma.

— Cadê o Ben?

— Preso no trabalho. Acho que ele está meio para baixo.

— Só chateado ou deprimido?

— Bom, ele está vindo. Então só chateado, suponho. — Esther, de braços nus em uma camiseta amarelo-manteiga, empurra uma caneca de sidra para mim.

Conheci Esther e Grace no primeiro dia de aula do primário. Eu estava feliz de ficar na sombra delas desde o início, admirando sem jamais tentar acompanhá-las em suas aventuras. Elas tinham uma coragem de falar o que pensavam, algo que muitas vezes lhes rendia uma expulsão de sala. Anos depois, essa coragem se converteu em noites intermináveis nos programas de debate, discutindo sobre políticas governamentais, mudanças climáticas e

teoria feminista. Elas se alimentavam uma da outra, poderosas e loucas. E então Grace se foi, repentina e violentamente, deixando Esther para lutar sozinha por todos os seus princípios, pelas suas paixões mais ardentes.

Grace foi morta um ano e meio atrás, por um taxista acima do limite de velocidade. Ele perdeu o controle, saiu do asfalto e atropelou Grace, que morreu na calçada em que estava caminhando.

Foi instantâneo, nos disseram. Ela não sofreu.

Enquanto esperamos Ben, a conversa se volta para o trabalho.

— Hoje experimentei seu trabalho dos sonhos, Cal — disse Gavin para mim, bebendo sua lager.

Dou um sorriso ligeiramente confuso.

— Como assim?

Gavin é arquiteto, e todo ano sua equipe faz trabalho voluntário para alguma boa causa da cidade. Ele conta que passou oito horas hoje lidando com gerenciamento de habitats em Waterfen — nossa reserva florestal local, meu porto seguro particular.

— Imagino como foi — comentou Esther, dando uma piscadela. Ela trabalha demais ganhando menos do que merece como gerente de segurança em uma instituição de caridade. — Oito horas de workaholics transplantando as plantas ao ar livre.

Inspirando o perfume das madressilvas, imagino um dia mágico entre sebes serpenteantes e matas selvagens, campos de juncos vermelhos à beira do riacho fresco. De vez em quando faço trabalho voluntário lá em Waterfen, enviando relatórios trimestrais. É pouca coisa e não paga nada — pesquisas sobre

reprodução de pássaros, monitoramento de hábitat —, mas tudo bem. Satisfaz meu desejo por horizontes livres de prédios, terra intocada por pessoas, ar puro.

Dou um sorriso para Gavin.

— Parece interessante.

Ele faz uma careta com o tipo de vergonha que só esforço físico não planejado tem o poder de provocar.

— Se você diz... Eu achei que estava *em forma*. E vou te contar que empilhar troncos de cinco vezes minha altura, arrastar postes de um lado para outro e ferrar minha coluna arrancando sei lá o quê não é o que normalmente considero diversão.

Percebo os arranhões em seus antebraços. Tem um pouco de pólen também visível no cabelo.

— Tasna?

— O quê?

— Era o que você estava arrancando?

— É, acho que sim — resmunga ele, irritado, e dá um gole na lager. — Foi um inferno.

— Parece o paraíso para mim.

— Bom, o guarda-florestal disse que vão abrir uma vaga de assistente em breve. Faria mais sentido, com seu diploma em ciências ambientais, do que servir café. Por que você não...

Embora Esther o interrompa com uma tosse, sinto algo se mover dentro de mim, como uma criatura sonolenta se espreguiçando.

— Por que você não o quê? — Ben desaba com seu corpanzil de jogador de rúgbi ao meu lado, com uma caneca de cerveja na mão, observando cheio de expectativa nossas expressões.

Ele representa totalmente o fim de um dia de trabalho: mangas da camisa arregaçadas, cabelo bagunçado, olhos de pós-expediente.

— Nada — respondo rápido.

No copo quase vazio ao meu lado, percebo uma joaninha se afogando nos restos de bebida. Enfio o dedo sob as ondas e a resgato. Ela voa para longe.

— Vai abrir uma vaga em Waterfen — explica Gavin. — Sabe, aquele parque em que você vai para ser torturado como voluntário? Parece que seria a carreira dos sonhos da Callie, então...

Ele hesita e dá uma olhada para Esther, que em geral é como ele reage ao levar um chute na canela.

Ben, que estava abaixado fazendo carinho em Murphy, senta-se direito.

— Mas eu achei que você amasse o café.

Sua surpresa me arranha como uma lixa.

— Eu amo — asseguro logo, ignorando a sobrancelha arqueada de Gavin. — Não se preocupe, eu não vou a lugar nenhum.

A expressão de Ben fica aliviada, e eu sei o que isso quer dizer — que o café estar em boas mãos significaria muito para Grace. Sair do meu emprego para virar gerente lá depois que ela morreu pareceu tão óbvio que era quase lógico. Ben amava seu trabalho em marketing, enquanto eu estava estagnada na fábrica de embalagens. Passei onze anos lá — onze anos organizando a agenda da minha chefe, fazendo seu café, atendendo o telefone. Era para ser uma vaga temporária logo depois da faculdade, uma

forma rápida de pagar o aluguel, mas três meses depois o temporário virou permanente, e uma década depois, algo digno de um prêmio por tempo de serviço que fazia Grace gargalhar. “Dez anos fiel a uma mulher”, brincou ela quando apareci na sua casa com a garrafa de champanhe que ganhei. “É tipo um casamentinho esquisito.”

Isso foi só um ano antes de ela morrer.

Peguei Murphy do Ben não muito tempo depois. O cachorro era da Grace, na verdade, mas o escritório de Ben não permitia animais, e no café havia amor mais que suficiente para ele.

O café foi a primeira coisa fixa que Grace teve nos seis anos após sairmos da faculdade, mas até isso começou por impulso. Ela usou uma herança para comprar uma antiga loja de roupas infantis, o que nos pegou totalmente de surpresa. Antes estava viajando o mundo, trabalhando no que dava — servindo mesas, fazendo telemarketing, entregando panfletos fantasiada. De vez em quando ela me ligava de algum país distante, me presenteando com suas últimas aventuras e desastres, e eu desligava o telefone melindrada e com inveja. Fantasiava por um minuto em pegar um voo também, sentindo a onda de dopamina por finalmente fugir desse meu pedacinho do mundo.

Muitas vezes me perguntei como seria ir embora assim. Eu era atraída por lugares de natureza selvagem, horizontes infinitos, panoramas estonteantes. Uma vez estudamos a América do Sul na escola, e desde então desejo conhecer um parque nacional no norte do Chile. A professora de geografia tinha visitado o lugar dois anos antes, e no fim da aula todos nós ficamos com a sensação de ter feito a jornada com ela. Conteí as aventuras da

professora para o meu pai naquela noite e perguntei se a gente podia viajar para o Chile nas próximas férias de verão. Ele riu e disse que perguntaria para a minha mãe, o que na hora percebi ser sua maneira de dizer não. Ele provavelmente tinha razão de pensar que ninguém em sã consciência concordaria com um pedido assim de uma criança de 10 anos.

Então, em vez disso, viajei para o *altiplano* na minha mente, mergulhando nas fotografias de vulcões com cumes nevados e paisagens surpreendentes, sonhando à noite com alpacas e lhamas, falcões e flamingos. Aquilo se tornou minha fuga sempre que eu precisava — flutuar para aquele canto do Chile, transformado em fábula pela minha imaginação.

Eu sempre prometi a mim mesma que iria. Mas, depois de terminar a faculdade, eu tinha bem pouco dinheiro e nenhuma certeza de sucesso com a estratégia lendária de Grace de trabalhar no que aparecesse. Eu não tinha nem um pouco da coragem dela, e muitas dúvidas. O momento nunca pareceu certo — estava procurando emprego, precisava economizar, o trabalho estava complicado, tinha começado a namorar. Então os anos se passaram, e o Chile permaneceu um sonho distante.

Sei que Ben sempre pensou que administrar o café foi uma saída bem-vinda de um emprego que me entediava. Mas no fundo só me lembrou de que servir café não é minha paixão. Ainda estou morando na mesma cidade em que nasci, enquanto existe um mundo inteiro lá fora — pulsando com possibilidades e girando, girando, girando.

Joel



Sem querer de propósito passei em frente à veterinária em que eu trabalhava. Faço isso pelo menos uma vez por semana. Não me pergunte por quê.

Talvez esteja fingindo que ainda trabalho aqui, que posso entrar pelas portas duplas como se nada tivesse mudado. Cumprimentar Alison na recepção, parar e bater papo com Kieran a caminho do consultório.

Vejo Kieran no estacionamento. Ele está perto da porta dos fundos, com as costas apoiadas na parede, fazendo um intervalo.

Atravesso a rua e me aproximo, ergo a mão quando ele me vê.

— Ei. — Ele se apruma. — Como você está?

— Bem, obrigado. — Eu assinto como se fosse verdade, embora nós dois saibamos que não é. — E você?

— Só precisava de um pouco de ar.

Paro ao lado de Kieran na parede e dou uma olhada no uniforme azul-marinho. É idêntico ao que tenho em casa. O mesmo uniforme que eu tinha orgulho de usar antigamente.

Nós dois erguemos o rosto para o sol do fim de setembro.

— Dia ruim? — pergunto.

— Não é dos melhores. Lembra do Jet Mansfield?

— Claro.

Era um border collie surdo, com uma dona velhinha adorável, Annie. Ela adotou Jet logo depois que o marido morreu. Os dois se amavam demais.

— Amputei a pata dianteira dele seis meses atrás. Sarcoma.

Dei uma olhada para Kieran e chutei:

— E agora voltou?

— Acabei de dar a notícia para Annie.

— E como foi?

— Tão bem quanto era de se imaginar.

— O que ela vai fazer?

— Por sorte ela concordou comigo.

Analgésicos fortes, penso, e uma caminha confortável.

— Duvido que ele tenha mais que um mês.

Imagino Annie levando Jet para casa. Se esforçando ao máximo para fingir que está tudo normal. Balançando o pote de comida enquanto tenta não chorar.

— Você tá bem?

— Acho que sim. — Kieran dá um sorriso fraco e olha para mim. — É legal ter você aqui de novo. Como nos bons e velhos tempos.

Mantive meus sonhos em segredo de Kieran: sempre temi que ele considerasse isso uma instabilidade mental, que ficasse com pena de mim. Talvez que pensasse, mesmo sem comentar com ninguém, que fiz bem em me demitir.

Como ele é meu amigo e ex-chefe, o respeito de Kieran significa muito para mim. É parte do motivo pelo qual saí, pulando fora antes de ser expulso.

Abri um sorriso forçado.

— É...

— Quer um emprego?

Mantenho o sorriso, mas balanço a cabeça.

— Coisas de mais acontecendo.

— Aham — responde Kieran. — Você parece mesmo um cara com a agenda lotada. Só estava passando, é?

— Exato — digo, me ajeitando, então limpo a garganta. — Aliás, melhor eu ir.

— Me liga quando quiser — grita Kieran enquanto já estou atravessando o estacionamento.

Ergo a mão e continuo andando.

Meu caminho para casa me leva até o café. Quando me aproximo, vejo Callie do lado de fora, trancando a porta, com Murphy aos seus pés.

Tenho passado lá quase todos os dias desde a minha primeira visita, três semanas atrás. Às vezes é Dot que me serve, às vezes Callie. Mas sempre me vejo torcendo para ser Callie. Uma ou duas vezes até fiquei enrolando que nem um adolescente até ver que ela estava disponível, fingindo não encontrar minha carteira, demorando para terminar um sanduíche ou croissant.

Fico muito alterado, me dei conta, quando estou perto dela.

Esta manhã me sentei perto de um cliente que, para o seu azar, decidiu discordar de Dot sobre a definição do que é um brioche (Dot argumenta que não é um bolinho). No meio do debate, Callie trocou um olhar comigo da mesa que estava servindo. Nós dois lutamos para não rir, até que por fim ela foi forçada a procurar refúgio atrás do balcão. Enquanto isso, eu tive que

esconder o rosto entre as mãos por medo de perder totalmente o controle e cair na gargalhada.

Quando ela veio anotar meu pedido depois, fingi demorar para escolher e então pedi bem alto um brioche. Ela começou a rir de novo.

Já faz muito tempo desde que eu ri dessa maneira com qualquer um.

E é por isso que agora estou hesitando. Vendo Callie girar a chave, verificar a maçaneta, dar uma última olhada na vitrine do café. É o momento perfeito para me aproximar dela, convidá-la para um drinque depois do trabalho. Mas, bem a tempo, eu me controlo.

Uma imagem da lista de prós e contras de Vicky surge na minha mente como um holofote. Penso em Kate também, antes dela, na cama com outra pessoa.

Minha vida até agora: momentos intermitentes de normalidade (escola, universidade, namoradas, trabalho) entre bolsões de instabilidade (experimentos loucos, muitas bebidas, solidão).

Sinceramente, namorar? Com uma mulher tão incrível quanto Callie... eu nem saberia por onde começar.

Esquece. Para quê? É ridículo.

Além disso, eu não tenho nenhuma evidência de que ela sequer estaria interessada. Para ela devo ser só mais um cliente, e dos bem estranhos, aliás.

Então, em vez de fazer qualquer coisa, só fico observando, como se estivesse espiando pela fechadura de outra vida. Callie está usando uma jaqueta de jeans claro e prendeu o cabelo escuro

em um coque alto. Murmurando algo para Murphy, ela coloca os óculos escuros no rosto. Então juntos eles começam a se afastar.

Sinto uma rara onda de desejo, querendo que fosse eu ao seu lado. Com um dos braços nos ombros dela, bêbado com a risada dela se misturando à minha.



No início de outubro, uns quinze dias depois daquela noite no pub com Ben e os outros, tiro a manhã de folga no trabalho para ver apartamentos.

Não é surpresa nenhuma que o primeiro lugar que Ian me mostra seja uma quitinete em um porão úmido com ratoeiras nos armários.

— Não quero morar com ratos, mas também não quero quebrar o pescoço deles — confesso.

Ian olha para mim como se nunca tivesse visto alguém tão mimado.

— Você vai virar sem-teto se continuar assim — reclama ele, embora esteja sorrindo como se fosse uma piada, o que não é.

Na sala do próximo apartamento — no segundo andar de uma casa vitoriana geminada, onde o proprietário, Steve, quer conhecer os possíveis locatários pessoalmente —, percebo uma imagem emoldurada. É o desenho de um cachorro quase idêntico a Murphy, feito com centenas de marquinhos de patas.

— É da Hayley — diz Steve ao me ver olhar. Ele é personal trainer e está da cabeça aos pés com roupa de ginástica. — Minha esposa. Ela ama cachorros. Aliás, isso me lembrou... Eu pedi para o Ian verificar, mas você não tem nenhum animal de estimação, né?

Cruzo os dedos e respondo que não. Não fazia sentido pedir para Ian apartamentos que aceitassem animais, principalmente porque eles não existem.

Ainda assim, estou impressionada até agora. A rua é agradável e arborizada — o que me diz que deve encher de passarinhos ao amanhecer —, e fica perto de meu endereço atual. O aluguel é cinquenta libras mais caro por mês, mas por outro lado a quitinete também, e esse apartamento com certeza vale as cinquenta libras a mais. É meio abafado por causa das vigas, mas o corredor não fede a mijó ou vômito, o que, com o meu orçamento, infelizmente é raro.

— Tem espaço externo — diz Steve quando pergunto se tem jardim —, se é que isso conta.

Nós dois sabemos que não — que *espaço externo* na verdade só significa um lugar para colocar as latas de lixo —, mas me forço a fazer uma expressão interessada.

— É mesmo?

Ele me leva até a janela da cozinha, de onde encaro, chateada, outro pesadelo de concreto lá embaixo, este com um revestimento de pedra irregular saído direto dos anos 1970.

— É do cara do primeiro andar — explica Steve. — Bom, na verdade não é *dele*, ele também aluga, que nem você. Sinto muito por ser tão sem graça. Tenho certeza de que ele não se importaria de dar uma arrumada se eu pedisse.

— Não — digo rapidamente, porque as folhas mortas e tijolos velhos, madeiras podres e painéis bambos da cerca eram as únicas qualidades daquele quintalzinho. — Não precisa. É bom para a natureza, ter essas coisas aí.

Steve franze a testa.

— Hein...?

— Sabe, os insetos e besouros. Mariposas, aranhas... Eles preferem um pouco de... bagunça. Para se abrigar e... — Paro de falar e abro um sorriso, porque não quero perder o apartamento só porque estou parecendo doida. — Então, como ele é? O vizinho de baixo?

Steve para por um longo momento, o que me força a questionar por que uma descrição simples, como *cara legal* ou *ele é simpático*, não seria suficiente.

— Bom, ele fica na dele — responde Steve por fim, o que tenho quase certeza de se tratar de uma forma neutra de dizer *antissocial*. — Você nem vai encontrar com ele, provavelmente.

Tento imaginar essa pessoa por um segundo, tão misteriosa quanto um gato, escondendo-se pelas sombras, noturna e nervosa. Talvez Dot esteja se referindo a um mistério doméstico quando diz que preciso de mais emoção na vida.

* * *

Dot contrai o nariz quando conto tudo isso para ela algumas horas depois, à tarde. Ela é festeira e não entende para que ter vizinhos se você não pode passar metade do tempo na casa deles fumando maconha e ouvindo seus álbuns.

— Você escreveu cappuccino errado — aponta. — São dois *cs*.

A tarde está lenta, talvez porque nuvens de chuva estejam cobrindo o céu. Estou equilibrada no topo da escada, reescrevendo nosso menu borrado com uma caneta de giz branco e minha melhor caligrafia.

Passo um pano no quadro, limpando metade da palavra errada, e tento de novo.

— Bom — diz Dot —, pelo menos acho que ele pode ser gato.

— Nem começa.

Ela dá de ombros e começa de qualquer maneira.

— Ainda acho que você deveria me deixar te apresentar para o meu professor de kickboxing.

— Não, obrigada. Ele parece assustador. E, por favor, não traga ele aqui.

Dot já fez isso mais de uma vez, convidar para tomar um café com bolo caras que acha que posso gostar. Já falei para ela parar, que é estranho porque estou no trabalho. Quase como ter um encontro no escritório, conversando sobre passatempos, feriados e filmes favoritos entre uma fotocópia e outra.

É claro que Dot insiste.

— E aquele cara que eu conheci no *speed-dating*?

— Dot, eu não vou sair com as suas sobras do *speed-dating*. Você acha que eu estou desesperada?

Ela olha para mim como se quisesse que a pergunta não fosse retórica. Mas antes que possa abrir a boca para dizer isso, somos interrompidas por alguém pigarreando.

Eu me viro e vejo Joel do outro lado do balcão. Meu coração dispara de vergonha enquanto tento não imaginar há quanto tempo ele está parado ali. Eu nem notei quando ele entrou.

— Desculpa interromper.

Os olhos dele são surpreendentes, quase pretos.

Ele vem ao café quase todos os dias já faz pelo menos um mês, em geral logo cedo, às vezes no fim da tarde. Sempre se senta na

mesma mesa perto da janela, pergunta como eu e Dot estamos, brinca com Murphy, dá boas gorjetas e traz a louça usada para o balcão antes de ir embora. Muitas vezes já o vi limpando com o guardanapo as migalhas da mesa ou um pouco de café que derrubou.

Dot me deixa sozinha, os ombros balançando de rir ao entrar no escritório.

— Perdão — digo, envergonhada, descendo a escada sem jeito. — A gente só estava... Esquece. Só fofocas bobas.

— Sem problemas. Eu só queria...

— Claro, desculpa. Pode pedir.

Ele pede um sanduíche de tomate e ovos — é vegetariano, descobri, como eu — e um espresso duplo. Hoje está mais frio, então ele está usando um suéter de gola redonda cinza-chumbo, jeans preto e botas marrons.

— *Speed-date* — eu me pego falando, revirando os olhos enquanto anoto seu pedido. — Meu inferno pessoal.

Joel sorri.

— Verdade.

— Quer dizer, já é bem ruim ser julgada por uma pessoa em um encontro às cegas, mas vinte pessoas em fila só esperando para fazer isso, com placar e tudo? — Finjo um tremor. — Não consigo pensar em nada pior. Não é melhor só conhecer alguém naturalmente e aí...?

Olho para ele e paro de falar, o silêncio que segue se estendendo demais.

Ele limpa a garganta e mexe os pés, como se tudo que quisesse fosse disparar para a mesa na janela.

— Concordo totalmente.

Parabéns, Callie. Agora ele acha que você está dando em cima dele. Está indo muito bem no quesito desesperada hoje.

— Não precisa esperar — completo, apressada. — Eu levo as coisas para você.

— Mas você ficou toda suada.

Dot dá uma risada, voltando do escritório depois que Joel foi se sentar, com Murphy logo atrás como se os dois tivessem chegado juntos.

Solto uma gargalhada, então passo o pedido de Joel para ela, em seguida subindo de volta na escada para terminar de escrever.

— O quê?

— Você está toda vermelha.

Com um pegador, ela serve o sanduíche de Joel.

Do lado de fora, a chuva começa a manchar o asfalto com uma saraivada de balas úmidas. Pego a caneta e começo a escrever de novo.

— Não tenho ideia do que você está falando.

— Ele estava te paquerando?

— Definitivamente não.

— Você sabe que ele vem aqui quase todo dia, né?

Dando de ombros, me viro para ela, embora Joel esteja na minha visão periférica.

— Acho que ele só fez amizade com o Murphy.

— Aham — diz Dot, contorcendo os lábios. — Murphy. Deve ser isso mesmo... Ele gosta *muito mesmo* do seu cachorro.

— Você não pode ficar a noite toda aqui, Cal.

— Não quero acordá-lo.

— Eu acordo, então.

— Não! Não faz isso. Deixa ele dormir mais cinco minutos.

Tem mil coisas que eu posso adiantar.

Dot inclina a cabeça e olha para ele como se estivesse observando uma obra de arte particularmente profunda.

— Qual você acha que é a dele, hein?

— Como assim?

— Será que ele tem emprego? Ele sempre parece meio...

— O quê?

— ... perdido.

Eu gosto disso no Joel, a atração bruta da imperfeição.

— Quem se importa?

— Ah, você tem uma *queda* tão grande por ele.

— Não tenho, não.

— Tudo bem. Eu aprovo. Poderia ser bem pior.

— Valeu, Dot. Pode ir embora.

— Tá bom. Mas você pode, por favor, não ficar aqui olhando o cara dormir até meia-noite?

— Prometo.

Ela demonstra sua fé em mim batendo a porta com força ao sair. Então, pelo vidro, levanta os dois polegares e sorri.

Joel desperta, e eu me aproximo da mesa com Murphy ao meu lado.

— A gente está fechando — falo com gentileza.

Ele ergue o rosto, piscando e olhando ao redor.

— Perdão?

— Você deu uma cochilada.

Por um ou dois segundos ele me encara, então se ajeita na cadeira e solta um palavrão baixinho.

— Desculpa. Que vergonha.

— Imagina. Acontece o tempo todo.

— Sério?

Eu hesito e sorrio.

— Não, mas... tudo bem. Mesmo.

— Ah, e você quer ir para casa.

Ele fica de pé às presas, guardando o caderninho no bolso, e pega o prato e a xícara do espresso.

— Pode deixar que eu levo.

— Não, por favor, eu...

No segundo seguinte, a xícara e o prato se esfacelam no chão como cascas de ovos quebrados.

Joel fecha os olhos rapidamente, depois olha para mim e faz uma careta.

— São clientes como eu que te dão alegria de vir trabalhar, né?

— Não tem problema. — Dou risada, sem querer admitir que é verdade. — Pode ir. Vou limpar isso.

Ele me ignora e se abaixa para catar os cacos. Dou uma ordem para Murphy ficar longe, depois me junto a Joel no chão para ajudar.

Recolhemos os restos, nossas mãos se tocando de vez em quando. Eu me pego tentando não olhar para ele, meu coração disparando que nem louco.

Depois que a louça foi recolhida, ficamos de pé, enquanto trovões ribombam do lado de fora. O céu fechou totalmente a esta altura, e as nuvens estão de um roxo profundo.

— Posso pagar pelo que quebrei?

— De jeito nenhum. A culpa foi minha.

Joel me olha de uma forma que faz algo se agitar na minha barriga.

— Olha, desculpa ter obrigado você a me expulsar.

— Ah, não tem problema. Eu já tive que fazer a mesma coisa com um casal no primeiro encontro.

Ele parece surpreso.

— Ficaram tão entediados um com o outro que caíram no sono?

Dou uma risada.

— Não. Eles estavam tão... absortos que nem perceberam quando todo mundo foi embora.

Percebo que ele está pensando nisso.

— Absortos... em uma conversa animada?

— Não exatamente. Eu meio que tive que desgrudar os dois.

— Ah, a alegria da juventude.

— Na verdade, não. Eles eram cinquentões.

Agora ele ri também.

— Por algum motivo, não estou me sentindo tão mal agora.

Abro um sorriso.

— Que bom.

Na porta, Joel para e brinca com Murphy por alguns momentos, depois se despede e sai. Eu fico observando enquanto ele se afasta e atravessa a rua, o vento forte de tempestade carregando-o.

Quando ele chega à outra calçada, dá uma olhada por cima do ombro. Eu baixo os olhos rapidamente, esfregando com força

uma mesa que já está brilhando.



Estamos reunidos em meio ao vapor da cozinha abafada do meu pai, preparando o almoço de domingo. Minha sobrinha, Amber, está marchando pela casa com uma fantasia de dinossauro que, por conta do rabo impressionante, reduziu sua capacidade de percepção espacial a aproximadamente zero.

— Bom, está ficando ridículo, se você quer saber minha opinião — diz meu pai para Doug como se eu nem estivesse aqui.

— Ninguém pediu sua opinião — comento.

Doug começou a discussão diária da família Morgan perguntando se eu já tinha conseguido arrumar um emprego. Quando não respondi, ele simplesmente continuou falando sobre isso com o nosso pai, como se eu tivesse saído da sala.

— O desemprego está na raiz de todos os seus problemas, tenho certeza. — Meu pai me olha por cima dos óculos com o descascador e uma cenoura nas mãos. — Quanto antes você voltar, melhor.

Não aguento outra conversa interminável sobre como eu não aguentava mais. Como estava me sentindo mal naquela última manhã. (Eles não sabem o quanto: não sabem que eu tinha voltado a beber muito, que estava de ressaca e me sentia incompetente, insone e triste.) Que tinha chegado a hora de ir embora.

Eu sinto como um choque às vezes, a falta que me faz. Quando estou caminhando com os cachorros no parque. Ou quando passo por um gatinho deitado no sol no muro de um jardim. Se sinto cheiro de desinfetante (sinônimo, sempre, de longas horas de cirurgia). Ou quando passo algum tempo com Kieran, rindo como antigamente.

— Eles não estão segurando a vaga para mim, pai. Eu pedi demissão.

Ele estala a língua.

— Que desperdício de diploma.

Não são tanto suas palavras que me atingem, e sim o desdém. Por sorte, um estegossauro de 6 anos se aproxima à toda.

— Tio... Joel... Tá... com... você! — grita Amber, acertando os espinhos do rabo nas minhas canelas.

Eu sorrio para ela, contente.

— Chegou na hora certa.

— Pena — reclama Doug da pia, lento como uma lesma.

— Já volto. Tenho que cuidar de um dinossauro.

Limpo as mãos num pano de prato e me jogo na brincadeira com meu melhor rugido da era Mesozoica.

Mais tarde, Tamsin se aproxima e se apoia na geladeira enquanto lavo a louça.

O marido dela, Neil, está secando. Ele não é muito de conversa, mas seu jeito de ser agradável e pensativo me deixa feliz por ter se casado com minha irmã.

— Ouvi o papai te enchendo mais cedo — comenta ela, mordiscando a unha.

— Nenhuma novidade.

— Ele não fala sério, você sabe disso.

Ela é três anos mais nova que eu e quase trinta centímetros mais baixa. Como Doug, é ruiva, mas a cabeleira brilhante e comprida faz com que muitos estranhos se aproximem para elogiá-la. (Suponho que isso não aconteça tanto com Doug, que tem a cabeça raspada.)

Tamsin está meio cansada hoje, distraída. Mais parecida comigo do que consigo mesma.

— Obrigado por ser simpática — respondo. — Mas ele está falando seríssimo.

— Ele só fica preocupado. — (Subentendido: *Nós ficamos preocupados.*)

— Aliás, parabéns pela fantasia de dinossauro.

Tamsin revira os olhos, mas sorri.

— Ela usou em uma festa semana passada e agora é a coisa favorita dela no mundo. De qualquer maneira, serviu para animar nossa visita ao mercado ontem. Nós gostamos de ser excêntricos nessa família, não é?

Bem, não dá para negar.

— Verdade.

— Ei, eu esqueci de te perguntar. Por que tinha uma placa de “Aluga-se” no seu prédio umas semanas atrás? Você não vai se mudar, né?

Steve e Hayley saíram do apartamento ontem à noite, e não consegui pensar em uma boa maneira de me desculpar por ser um amigo e vizinho tão ruim. Então fiquei quieto a noite toda. Não respondi à última batida na porta.

— Não — respondo. — Steve e Hayley.

— Alguma coisa que você falou?

— Provavelmente. — Eu me concentro em limpar os últimos resquícios de molho do pote. Percebo que ela está me observando.

— Certo. Bom, a gente está indo.

— Já? Tem certeza que não querem ficar? O papai vai começar a me perguntar sobre as namoradas a qualquer minuto.

Em geral esse é o tipo de piada boba que faz Tamsin rir. Mas quando ergo os olhos, o brilho sumiu do seu rosto.

— Eu só... Vamos dizer que...

— A gente não está grávido — diz Neil baixinho, soltando o pano de prato e pegando a mão da minha irmã. — Acabamos de descobrir.

Sinto a dor deles acertar o fundo do meu peito.

— Sinto muito.

Tamsin assente.

— Falei pro Doug e pro papai que estou com dor de cabeça.

— Claro.

— Vou pegar as coisas.

Neil sai da cozinha com um tapinha nas minhas costas.

— Não esquece nosso dinossauro — grita Tamsin às costas dele, com a voz fraca como um sopro.

— Sinto muito, Tam — falo com esforço depois que ficamos sozinhos.

Ela assente e apoia a cabeça na geladeira.

— Meu Deus. Eu quero tanto engravidar, Joel.

Eu me lembro do dia em que Amber nasceu. Corri para o hospital e passei a tarde encarando minha sobrinha nova em folha

naquele bercinho. Eu estava tão orgulhoso, pensando... *Minha irmã fez um bebê. Olha só, pessoal, um ser humano de verdade!*

— Quer dizer, em que momento... em que momento você...?

— Ela solta um suspiro trêmulo. — Já faz cinco anos. *Cinco.*

— Vai acontecer — digo, baixinho.

— Você não pode ter certeza.

Mas eu tenho. Tenho porque sonhei com isso não faz nem dois meses. Tamsin no hospital, eu ao lado dela, segurando sua mão. E ao lado da cama, a melhor parte. Um garotinho, Harry, dormindo no berço.

Ela ainda não sabe, mas ele vai nascer perto do próximo Natal.

Eu seguro a mão da minha irmã e aperto.

— Posso, sim. Aguenta firme, Tam, por favor. Eu prometo que tudo vai dar certo.

Depois de lavar a louça, vou caminhar pelo quintal do papai. Estamos no meio de outubro, o ar pesado com o frio do outono. Um abismo de névoa está grudado nas casas ao redor, cuspidando garoa.

A mamãe amava esse jardim, dizia que era seu santuário. Eu sinto falta dela todos os dias.

Ela morreu de câncer de mama quando eu tinha 13 anos. Eu havia sonhado com isso quatro anos antes, uma noite de geada horrível em novembro.

O sonho me amedrontou de uma forma que eu nunca tinha imaginado. Não contei a ninguém o que tinha visto: temia assustar minha mãe, irritar meu pai. Destruir nossa família. Será que eu levaria a culpa? Será que eu estava fazendo essas coisas acontecerem? Fiquei quase mudo: não falava, me recusava a sorrir.

Como eu poderia ser feliz, sabendo o que sabia? A cor tinha sumido do meu mundo. Tinha medo de adormecer, fiquei quase alérgico a fechar os olhos.

Por fim ela nos contou no Natal três anos depois. Estávamos sentados no sofá como três bebês bagunceiros. Nunca vou esquecer a expressão em seu rosto. Porque ela não estava olhando para o papai, de pé ao lado dela, as emoções já controladas. Ou para Tamsin, que chorava. Ou para Doug, tão quieto que mal respirava. Ela estava olhando para mim, porque ela sabia que eu já sabia. *Por quê?*, seus olhos imploravam. *Por que você não me contou?*

Não dar a ela todas as chances possíveis de viver permanecendo sendo meu maior arrependimento na vida.

* * *

Atrás de mim, a porta dos fundos bate. Doug.

— Oi, irmãozinho.

Me chamar assim é uma piada que só meu irmão mais novo acha engraçada. Ele se parabeniza com um gole de cerveja.

Resisto à tentação de comentar sobre o suéter dele. Tenho certeza de que ele deve achar que é uma roupa de golfe, apesar de nunca ter colocado os pés em um campo de golfe na vida.

Do nada, Doug pega um maço e acende um cigarro. Eu fico olhando.

— O que você tá...

— Vou te contar um negócio. — Ele traga, depois solta a fumaça. — Na verdade é meio excitante, tentar não ser pego.

Ele dá uma olhada por cima do ombro para a janela da sala. A esposa, Lou, está lá com as crianças, Bella e Buddy, tentando tirá-

los do iPad e persuadi-los a jogar Palavras Cruzadas com o papai.

Doug dá alguns passos furtivos para a esquerda até ficar escondido pela macieira.

Tenho que rir.

— Você é uma tragédia.

Minha respiração também parece fumaça no ar gelado.

— Aham. Eu e Lou não nos divertimos muito nos últimos tempos, sabe. Minha vida é basicamente trabalho, academia, ver tevê, dormir. Chato demais.

Uma vida calma, penso, não sem uma pontada de inveja. Não subestime isso.

— Então... um fumante que vai à academia — comento, sem me abalar. — Um investimento meio ruim, não acha?

Ele me ignora. Dá outro trago, estreita os olhos.

— Falando de diversão.

Eu espero. A definição de diversão de Doug quase nunca é igual à minha.

— Essa sua “ansiedade”... — Ele faz aspas no ar, só para demonstrar o quanto é másculo. — Lou está falando de tirar umas férias ano que vem. Para Fuerteventura. Primeira vez que as crianças saem do país.

Respiro fundo para acalmar meu coração que disparou um pouco.

— Legal.

— Aham, para um daqueles resorts com tudo incluído.

Um pensamento surge em minha mente.

— Ah, tipo com clubes infantis? Tipo piscina e tal?

Doug dá de ombros.

— Provável.

— Você deveria incentivar a Bella. Lou comentou que ela adora nadar.

Doug bufa, irritado.

— Ah, valeu mesmo pelos seus conselhos sobre como criar meus filhos. De qualquer forma, a coisa toda depende de saber se você está planejando aparecer no aeroporto, balançando os braços e mandando a gente não subir no avião.

Bom, eu faria isso se o avião deles fosse cair. Para a sorte de Doug, é improvável. Por acaso sei que a chance de ele morrer em uma queda de avião comercial é de mais ou menos uma em 11 milhões.

Ainda assim, acho que mereço um pouco mais de crédito. Duvido que eu fosse tão óbvio, a não ser que fosse uma emergência absurda. Sim, eu apareço com uns avisos estranhos, uns conselhos do nada, mas sempre tentei ser sutil, todos esses anos. Tipo quando gentilmente convenci Doug a não participar de uma ronda por bares que culminariam com seu maxilar quebrado. Aconselhei Lou a não ir a um dentista estranho, que lhe causaria uma dor crônica no pescoço. Alcancei os dois antes de serem assaltados no centro. (Também entreguei o cara para a polícia, embora a maior acusação que pude fazer tenha sido “comportamento suspeito”, por mais irônico que pareça.)

— Talvez *você* esteja precisando de férias — diz Doug. — Quando foi a última vez que viajou?

Não consigo responder. Quem admite, nessa era do Instagram, com o mundo aos seus pés, que nunca nem saiu do Reino Unido?

— Ah, já sei — continua meu irmão. — Magaluf, 2003.

(Era mentira, é claro. Falei para minha família que tinha viajado com meus amigos do primeiro ano da faculdade. Na verdade, antecipei minha mudança para a república onde eu ia morar no segundo ano e ouvi as histórias dos outros garotos quando voltaram. Repeti tudo para Doug como se tivesse acontecido comigo.)

Meu irmão balança a cabeça.

— Uma viagem com os amigos na universidade e nunca mais. E você diz que *eu* sou uma tragédia.

— Sou feliz aqui.

Com isso quero dizer que é bom saber que posso chegar a qualquer um rápido caso sonhe com algo grave e precise intervir.

— Ah, sim. Você parece muito feliz mesmo, Joel. — Doug franze o cenho e dá mais um trago no cigarro. — Sabe do que você precisa? De uma boa...

— Tá bom — interrompo antes que ele termine de falar, enfio as mãos nos bolsos, e bato os pés para afastar o frio.

— Não é natural. Ficar tanto tempo sem uma namorada.

Sem querer ele me fez lembrar da minha conversa com Callie semana passada sobre *speed-dating*. Lembro de observar sua caligrafia redonda enquanto ela rabiscava meu pedido. O cabelo escapava do coque, e alguns fios esvoaçavam perto da boca conforme ela falava. Os brincos que ela estava usando, um par de pássaros prateados.

Mais do que tudo, porém, eu me lembro da atração magnética de seus olhos. Foi tão poderosa que quase me aproximei e sugeri que a gente tentasse um encontro, nós dois, qualquer dia desses. Mas no último momento me controlei. Dei as costas rapidamente,

me afastei. Por medo de que ela lesse minha mente. Por medo do que isso significava.

Porque me protejo de sentimentos assim faz quase uma década. E agora eles estão me atacando sem aviso, atrapalhando minha vigília.

— Você está falando de sexo, não de namorada — digo para Doug.

Ele bufa, como se não houvesse chance de eu arrumar nenhuma das duas coisas.

— Tem uns comprimidos que você pode tomar, sabe? É só comprar pela internet se ficar com vergonha.

Sei que ele está se referindo a minha suposta ansiedade, mas não consigo resistir à chance de cutucá-lo um pouco.

— Você está meio jovem para o famoso remedinho azul, não?

Ele fica imóvel por um momento. Enche o peito de ar.

— Estou falando sério, Joel. Sobre as férias. Vai ser nossa primeira vez no exterior com as crianças. Se você fizer alguma coisa para estragar, acabou para nós. Tenho que colocar minha família em primeiro lugar.

Engulo em seco e balanço a cabeça, sério. *Só quero manter vocês em segurança.*

— A mamãe morreu faz 22 anos, irmão. Está na hora de crescer.

Doug me dá um tapa no braço, me passa o cigarro aceso e volta para dentro.

Encaro a parte da grama do quintal em que as gaiolas dos coelhos ficavam. Por muitos anos, esta casa era viva, cheia de animais. Cães e coelhos, hamsters e patos. Mas meu pai foi

abrindo mão deles naturalmente depois da morte da mamãe. E agora a casa só parece respirar quando tem dinossauros correndo por aqui.

A dor de perder a mamãe foi pior do que qualquer outra coisa que já senti. Mesmo se fosse pela minha própria vida, não sei se aguentaria passar por isso de novo.

Fico ali parado por mais algum tempo, meu estômago repleto de arrependimentos.



Semanas depois de ser despejada, finalmente consegui, com a ajuda dos meus pais, me mudar para o novo apartamento. Estou me sentindo meio culpada — tenho coisas demais, para falar a verdade, caixas e mais caixas cheias de tralha, a ponto de precisar de três pares de mãos. Mas eles parecem felizes em ignorar toda a minha bagunça. Acho que no fundo estão felizes por eu ter pedido ajuda a eles.

Eles vão embora às 18h30 para minha mãe conseguir chegar em casa a tempo do clube do livro. Meu pai volta, algumas horas depois, com Murphy no banco de trás do carro.

Eu o encontro na rua escura, sob um céu pontilhado de estrelas. Achamos melhor fazer essa entrega clandestina tarde da noite.

— Obrigada por tudo, pai.

— Sem problemas, querida. — Ele me passa a coleira de Murphy. — Você sabe que a gente fica feliz de te dar uma mãozinha.

— Eu me sinto meio velha para isso, sabe? — confesso, o ar frio condensando minha respiração. — É como se vocês estivessem me levando para o alojamento da faculdade de novo.

Meu pai dá um sorriso.

— Por favor. Nunca se está crescido demais para precisar dos pais.

Sorrio também. Não importa o quanto eu me considere inútil, meu pai sempre tem algo reconfortante a dizer.

Ele me puxa para debaixo do braço, me apertando contra o peito quentinho. Respiro fundo e sinto seu cheiro familiar de alcatrão, paro um segundo para sentir todo o meu amor por ele.

— Olha só, você tem certeza de que não quer deixar o cachorro com a gente por uns dias? — pergunta ele. — Só até conseguir conversar com seu vizinho?

Essa seria uma opção sábia, mas não posso abrir mão de Murphy, nem por uma noite. Ainda é difícil olhar para ele, às vezes, sem me perguntar se ele ainda quer saber para onde Grace foi.

Meu pai lê minha expressão ao se afastar e aperta meu ombro gentilmente.

— Tudo bem. Mas você não acha que deveria pelo menos avisar ao agente imobiliário?

Olho para Murphy, que pisca para mim como se estivesse doido para tirar uma soneca.

— Ian não é o tipo de pessoa com quem se quer ser honesto, pai.

Meu pai, um homem de princípios, parece pensar em questionar minha decisão antes de desistir.

— Obrigada pelas plantas — digo de novo enquanto ele me dá um beijo de despedida.

Foi seu presente para minha nova casa — uma jardineira de inverno que ele mesmo montou, com prímulas e samambaias, um

pouco de hera, azaleias e ciclames. “Achei que ia melhorar sua vista”, foi o que meu pai disse ao me apresentar as plantas mais cedo. Fiquei com os olhos cheios de lágrimas enquanto agradecia, imaginando-o comprar a jardineira, escolher as plantas, decidir a posição em que plantá-las.

Quando meu pai dá as costas para ir embora, observo a janela da frente do meu novo vizinho, mas, com as cortinas fechadas e as luzes apagadas, suponho que ele tenha saído. Sei que não vou conseguir manter Murphy em segredo por muito tempo, então estou torcendo para conseguir conquistá-lo de alguma forma.

Ao enfiar minha chave na fechadura da frente, percebo que, estranhamente, ela não abre. Encaro a porta por alguns momentos antes de entender o que houve. Tanto a porta do meu apartamento quanto a porta comum do prédio trancam ao bater, e só eu trouxe a chave do meu apartamento aqui para baixo.

Dou um passo para trás e olho para a minha janela lá em cima. Não deixei o vidro aberto — não que acredite ter grandes chances de escalar a calha de plástico. Então me pergunto se talvez o vizinho de baixo teve a presciência de ir contra o contrato de aluguel e deixar uma chave escondida embaixo de algum vaso. Mas não tem nenhum vaso aqui fora nem nenhum possível esconderijo de chave.

Estou começando a me resignar a ligar de novo para os meus pais e pedir para dormir lá quando a porta da frente se abre de repente.

Nós dois ficamos parados, temporariamente sem palavras.

— Oi. — Sinto uma onda de prazer inesperado. — O que... O que você está fazendo aqui?

— Eu moro aqui. O que *você* está fazendo aqui? — Ele se abaixa para falar com Murphy, que está balançando o rabo animadamente na coleira. — Oi, garoto.

— Você... *mora* aqui?

Com os olhos brilhando, Joel fica de pé de novo. Ele sempre se veste de maneira tão clássica, e hoje não é exceção — jaqueta azul-marinho com gola, jeans skinny, botas marrons.

— Já faz quase dez anos.

Por um momento fico sem palavras de tanta felicidade, antes de perceber que ele está esperando que eu explique o que estou fazendo na sua porta.

— Acabei de me mudar.

Ele leva um segundo para entender.

— Para o apartamento do Steve?

— Isso.

Seu sorriso vem fácil.

— Que ótimo.

— Não acredito.

— Então vamos ser vizinhos. — Ele coça o queixo. — Bom, como você está? Sabe, desde que a gente se viu pela última vez, doze horas atrás.

Conversamos um pouco no café hoje pela manhã, comentando sobre as duas mulheres sentadas perto do balcão com bolsas cheias de papéis de embrulho natalinos. Esse tipo de absurdo deveria ser banido até pelo menos dezembro, concordamos, antes de percebermos simultaneamente que na verdade gostamos bastante da enxurrada de ovos de Páscoa em fevereiro.

Hora de confessar.

— Na verdade, fiquei trancada para o lado de fora. Esqueci de colocar a chave da porta de fora no chaveiro.

— Eu fiz a mesma coisa quando me mudei — comenta ele naquela sua voz grave maravilhosa.

Ainda segurando a porta aberta, ele dá um passo para o lado e me deixa passar. Seu cheiro é delicioso, de sândalo e temperos. Tento não ficar com muita vergonha da minha roupa de mudança: calça de moletom e um suéter velhíssimo com furos nos dois cotovelos. Pelo menos está escuro, acho.

— Obrigada. — No capacho, paro. — Olha, não era para eu trazer Murphy para cá, mas...

— Não vou dizer uma palavra.

— Obrigada — repito, meus ombros relaxando de alívio. *Graças a Deus é você.*

— Eu sei que é difícil achar proprietários que aceitem cachorros.

Será que ele está falando por experiência própria? Uma vez, particularmente encantada com seu jeito com Murphy, perguntei se ele tinha cachorro também, mas ele disse que não. Talvez em algum momento da vida já teve.

Ele olha para o relógio.

— Escuta, desculpa por... Eu estava de saída.

— Ah, imagina. Não precisa se preocupar comigo.

— O quintal é todo cimentado, infelizmente — completa ele —, mas se você precisar levar ele para fazer xixi, tem uma pracinha gramada no final daquela rua sem saída ali.

— Ah, eu não sabia. Obrigada.

Sua boca permanece séria, um abismo na geografia intrigante de seu rosto.

— Bom, boa noite — diz ele, baixinho, antes de descer os degraus da frente e sumir na noite a passos largos.



Quando volto da caminhada com Bruno, menos de uma hora depois de conhecer minha nova vizinha, paro no corredor. Dou uma olhada na escada que leva ao apartamento do Steve.

Não do Steve. Da Callie. Ela está no apartamento acima de mim neste momento. Imagino-a se movendo pelo espaço enquanto transforma a casa em seu lar. Cabelo comprido beijando as omoplatas, desfazendo as caixas com aquele contentamento tranquilo que agora conheço tão bem. Talvez ela tenha acendido uma vela, colocado uma música para tocar. Algo moderno mas tranquilo. Percebi o esmalte verde-garrafa que ela estava usando hoje de manhã quando serviu meu café. Captei o néctar de seu perfume. Senti uma vontade estranha de segurar sua mão, erguer os olhos e dizer: *Vamos sair daqui?*

Fecho os olhos. *Pare de pensar nela. Agora.*

Ainda assim, eu me pego andando devagar. Talvez ela tenha ouvido a porta de fora bater quando entrei. Talvez ela abra a porta, sugira tomarmos uma saideira, peça um pouco de açúcar emprestado. Ela vai me fazer rir, talvez, como faz todos os dias na cafeteria. A rainha das anedotas ácidas, do humor autodepreciativo.

Então, respiro fundo. Me esforço para voltar a pensar racionalmente. *Isso vai passar*, digo a mim mesmo. Como uma

tempestade, como uma ressaca. *Parece maior do que é. Dê tempo ao tempo, vai passar.*

Na noite seguinte, Callie e Murphy entram no prédio logo depois de mim. Eu estava na casa do Kieran, comendo curry com ele, a esposa Zoë e os dois filhos deles.

— Alguma coisa interessante? — pergunta Callie, soltando Murphy da coleira.

Ele vem correndo até mim, o rabo batendo no ar como se ele não me visse há semanas e não horas.

Estou olhando minha correspondência.

— Nada, desculpa. A não ser que você esteja interessada na minha conta de gás. Ou em pegar um empréstimo no nome do Steve.

Callie está bem agasalhada com uma jaqueta verde com capuz felpudo e um cachecol de tricô cinza.

— O máximo que eu recebo é correspondência do banco ou folhetos daquele restaurante horrível de comida congelada na estrada.

Dou um sorriso.

— Está gostando do apartamento?

— Adorando. É bem melhor que o lugar em que eu morava antes. Tem mais espaço e é menos úmido. — Ela dá um suspiro feliz, depois ergue a sobrancelha. — Mas ainda não sei o que pensar do vizinho de baixo.

Caio na risada.

— É, não te culpo. Se fosse você, eu manteria distância. Ele é estranho.

Ela ri também, jogando as chaves de uma mão para outra.

— Você está chegando do trabalho agora? — pergunto. — Está tarde.

— Ah, não, eu... saí depois.

É como se o motor morresse no meu cérebro.

— Perdão. É só preocupação de vizinho, não era minha intenção soar como se fosse seu pai.

— Ah, tudo bem. Eu sou basicamente uma mãe disfarçada. Falei para um cliente que se pegasse essa friagem ia ficar com o nariz entupido.

— Rá! E o que ele disse?

— Logo de cara nada. Depois franziu a testa e perguntou do que eu estava falando. Acho que não tinha mais que vinte e poucos anos. Ainda devia estar na faculdade.

Estou aliviado por ela parecer não estranhar minha falta de desenvoltura social. Ainda assim... pode ser temporário.

— Certo. — Ergo a pilha de envelopes. — Melhor eu me adiantar com esses empréstimos. Os formulários não vão se falsificar sozinhos.

Ela dá uma risada educada e ajeita uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Eu hesito, então me inclino para a frente (porque não tem nada melhor que alguém explicando as próprias piadas).

— Brincadeira. Eu seria o pior falsificador do mundo. Mal consigo comprar bebida sem suar até as cuecas.

Óbvio que disparo apartamento adentro depois disso.

Por que — *por que* — eu estava falando de bebida e suar nas cuecas e crimes financeiros?

Eu não me sentia sem jeito assim fazia tempo. Tropeçando nas palavras, idiota, sem fazer sentido. Como um ator principiante se atrapalhando com as falas. Não é de surpreender que ela só tenha dado uma risada por educação, hesitando antes de subir como se estivesse esperando pela terrível piada final.

Como é que cheguei a este ponto? Por que parei de dar as costas a garotas que me traziam sentimentos, a sorrisos que me davam frio na barriga, a olhares que arrepiavam a espinha?

Eu estava perdidamente apaixonado por Kate. Tínhamos ficado no final do segundo período da faculdade e já estávamos namorando fazia quase um ano. Se ela não estivesse no mesmo curso que eu, duvido que nossos caminhos tivessem se cruzado. Mas a gente se via quase todos os dias, e ela era engraçada, gentil, carinhosa.

Kate sempre considerou que minhas falhas tinham a ver com os estudos, acho. Sono irregular, incapaz de descansar, sempre distraído, volta e meia desaparecendo? Bom, isso faz bastante sentido para quem está na faculdade.

Mas aí num sonho eu a vi dormindo com outra pessoa, seis anos no nosso suposto futuro. Ela estava em um apartamento que eu nunca tinha visto, nua num colchão que supus ser metade meu. O cara com quem ela estava parecia mais velho do que nós (talvez um futuro colega de trabalho?). De qualquer forma, ele parecia bem confiante em relação a suas escolhas de vida.

Foi uma foto nossa na mesa de cabeceira que me disse que ela estava me traindo. Eu considerei continuar, me perguntei se poderia impedir. Mas passar os próximos seis anos nessa tensão? Não é assim que relacionamentos devem ser. De qualquer forma,

o estrago já estava feito. Não dá para desver algumas coisas na vida.

Então eu terminei. Inventei algo dolorosamente irônico sobre não conseguir ver um futuro para nós dois. Foi uma sensação estranha, pedir desculpas por partir o coração dela quando estava no destino que o contrário acontecesse.

Superar Kate não foi fácil. Eu demorei um tempo para não sonhar mais com ela, para que as chamas do que eu sentia se apagassem totalmente. Mas cinco anos depois conheci Vicky. Ela era a atriz principal de uma peça a que assisti, e nós começamos a conversar no bar depois. Exatamente como acabamos no meu apartamento aquela noite, eu ainda não sei. A competição era acirrada e muito mais inteligente do que eu.

No começo tentei esconder quem eu era. Tentei fingir ser o homem que Vicky achava que conhecia. E por um tempo consegui, até o dia em que começamos a morar juntos. A proximidade mudou tudo, e Vicky logo ficou impaciente. Com a minha ansiedade, meu sono irregular, minhas anotações todo dia pela manhã. Com meu distanciamento emocional e minha tendência à distração. Começaram as discussões. A gente mal tinha superado o choque inicial que foi conhecer um ao outro de verdade, e surgiram as indiretas passivo-agressivas. O brilho diminuía, o ar saía pela boca do balão.

Durante todo o tempo que passamos juntos, não sonhei com Vicky nem uma vez. Depois de seis meses eu já sabia o que significava, e parte de mim ficou aliviada. Um relacionamento sem amor não fazia sentido, claro, mas não era melhor assim? Sem amor, sem complicações. Sem sonhos torturantes, sem dilemas

cruéis que acabavam com minha paz. Sem premonições de infidelidade. Eu não amava Vicky, e era quase melhor do que se amasse.

Quem sabe? Talvez, em algum nível, tudo aquilo fosse uma lição sobre autossabotagem.

Seja como for, depois que ela foi embora, tomei uma decisão, bela em sua simplicidade.

Eu nunca mais me apaixonaria.



Estou sentada em Waterfen, sozinha, pensando em Grace.

A primeira vez em que viemos para cá éramos crianças, pulando como coelhos pela ponte de madeira que conecta o parque à reserva florestal. Fazendo bagunça pelas calçadas e pelos caminhos serpenteantes de areia, afundando os pés nas poças pantanosas, capturando lavadeiras. Grace falava enquanto eu andava atrás dela, flutuando em meio às nuvens brancas de dentes-de-leão, embriagada como uma abelha pela música suntuosa da natureza. Nós ficávamos livres na nossa selva particular de juncos, o verde enfeitado por explosões de magenta dos epilóbios, passeando sozinhas até o pôr do sol, quando a paisagem esfriava ao nosso redor. Nossas conversas sempre floresciam em piadas, sonhos e escola.

Na época, Grace amava Waterfen pelo que o lugar representava — uma liberdade ilusória, que atrasava o dever de casa. Mas eu amava Waterfen pelo que era — algo selvagem e em estado bruto, como o mundo deveria ser. Um teatro imersivo de mata, o paraíso no palco.

Foi em Waterfen que descobrimos nossa árvore. Um salgueiro antigo e majestoso, perto da fronteira da reserva, os galhos pendurados sobre a água como um exército de garças vigilantes. Escalávamos o tronco enrugado, nos transformávamos em sereias

atrás da cachoeira de folhas, sorriamos uma para a outra enquanto, por baixo dos nossos pés, os visitantes passavam sem nos perceber. Nós gravamos nossas iniciais nas rugas ásperas do seu tronco.

Eu escalo a árvore, como nós sempre fazíamos, embora esteja molhada, embora esteja frio. As iniciais ainda estão aqui, cobertas de musgo e amolecidas pela chuva. Passo o dedo pelas marcas, tentando não imaginar o que está escrito na lápide de Grace.

Eu e Ben escrevemos o texto juntos.

Grace Garvey. Amada esposa, filha, sobrinha e neta. Amante da vida. Determinadamente única.

Nunca contei a ninguém sobre a nossa árvore. Era só minha e de Grace, sempre.

Depois da faculdade, quando voltei a morar em Eversford, fiquei perdida por um tempo. Grace ainda estava viajando, Esther estava temporariamente em Londres (isso foi logo depois que conheceu Gavin). E meus pais não podiam preencher as lacunas deixadas pelos meus amigos. Foi vir a Waterfen que me deu forças — me cercar de verde e de coisas com asas.

Penso mais uma vez naquele emprego na reserva, que Gavin mencionou tantas semanas atrás. Eu tenho entrado todos os dias no site de Waterfen, mas nada ainda. Sei como as coisas em ONGs podem ser lentas, que pode levar séculos para uma simples despesa ser aprovada.

Mas, mesmo se a vaga abrisse, não tenho bem certeza de que conseguiria pedir demissão para o Ben. Será que poderia mesmo entregar o sonho de Grace para outra pessoa, descartá-lo como se fosse uma herança que não quero mais?

Por outro lado... eu tenho sonhos meus. Como trabalhar aqui em Waterfen, sentindo o cheiro doce da terra molhada nos juncos, ouvir os corvos grasnarem e ver os estorninhos tomarem o céu. Pegar chuva, sentir calor, me sujar de lama, perder o fôlego pelo trabalho pesado e pela felicidade. Devolver a este lugar só um pouco do que ele já me deu.

Sinto muito, sussurro ao fantasma de Grace. Eu sei que o café era o seu sonho. Mas não sei se algum dia será o meu.

Enquanto caminho de volta para casa, me sinto empoderada — talvez pelas lembranças de Grace, talvez pela ideia de deixar a cafeteria para trás de algum modo. Quero aproveitar o momento e perguntar se Joel não quer subir para um drinque. Afinal, já somos vizinhos faz uma semana. Ele sempre pode dizer não.

— Que aconchegante — diz Joel quando mostro a sala.

Tirando o cachecol, estou prestes a largá-lo como de costume no braço do sofá, mas mudo de ideia, enrolo-o bonitinho e o deixo no aparador ao lado da porta. Porque, na realidade, *aconchegante* em geral significa *chiqueiro*. Ainda não terminei de abrir as caixas, e deveria ter arrumado as coisas antes de chamá-lo, é claro.

Ele pareceu na dúvida, mais cedo, antes de concordar. No mesmo instante entrei em pânico, com medo de tê-lo deixado sem graça, forçando-o a aceitar por educação. Então, quando abri a boca para tentar voltar atrás, por mais que me doesse... ele aceitou antes que eu pudesse fazer isso.

Torço para que ele não esperasse que meu apartamento fosse estiloso ou sofisticado. Todos os meus móveis são de lojas

baratas, todos os itens de decoração saíram da prateleira de alguma loja de departamento, não tenho ornamentos chiques nem uma estética pensada. Só uma confusão de acessórios que não combinam entre si, colecionados ao longo dos anos, como o futon coberto por uma manta de patchwork para esconder manchas de café e vinho tinto, uma variedade de porta-copos de cortiça desbotados e uma coleção de canecas com ilustrações de natureza, cortesia de amigos e familiares. Tenho duas estantes em tons contrastantes de madeira cheias de livros sobre natureza, fauna e flora, alguns enfeites *nada* descolados — pássaros e bichinhos da floresta, meus entes queridos mais uma vez perdendo a mão no tema — e uma selva de plantas variadas ao lado da janela. Nada que diga que sou uma adulta bem-sucedida ou vitoriosa na vida. E isso antes de Joel tropeçar em uma das caixas bloqueando parte da passagem para a cozinha.

Faço um desvio de sessenta segundos para o quarto para trocar de roupa, hiperventilar, ajeitar meu cabelo e passar um pouco de batom nude. Então volto para a sala e ofereço uma bebida para Joel.

— Tenho café, chá ou... vinho de qualidade média.

Ele hesita por um momento, então pede um pouco de vinho.

Enquanto Joel se aproxima da estante, com Murphy logo atrás, tiro a garrafa da geladeira e sirvo duas taças. Observo seus dedos passando devagar pelas lombadas dos meus livros, as mangas do suéter um pouco compridas demais para seus pulsos. Tento ignorar seus movimentos lentos e deliberados, o físico magro e o jeito controlado e pensativo que eu adoraria conhecer melhor.

— *Glossário vegetal. Guia para árvores. Líquens. Mariposas.*

— Infelizmente eu não sou muito descolada — confesso.

Sinto que isso não chega aos pés da verdade — quando criança, sempre fui a que ficava vergonhosamente grudada a livros de ciência ou, pior, a um episódio de *Countryfile* com meu pai. Eu disparava descalça assim que o inverno dava lugar à primavera, colecionando gravetos, folhas e cascas de ovo, ficando com a cara coberta de lama e o cabelo cheio de galhos.

Às vezes, no verão, quando os céus ficavam quentes e imóveis, meu pai ligava uma lanterna no jardim durante a noite. Colocava uma caixa de madeira embaixo, e na manhã seguinte nós nos maravilhávamos com as mariposas que havíamos atraído para dançar na escuridão enquanto dormíamos. Mariposas-elefante rosa-shocking, mariposas-tigre, tão lindas quanto qualquer borboleta, e minhas favoritas, as mariposas-de-arminho-branco, com seus casacos de pelo tão majestosos. Nós adicionávamos cada uma à nossa lista, depois as abrigávamos nos arbustos, longe de bicos perigosos, para que pudessem se proteger do sol até que a noite caísse de novo.

Meu ex, Piers, sempre zombava de mim por ser tão louca por natureza. Ele era o tipo de cara que mata aranhas com chinelos, esmaga abelhas com copos de cerveja, derruba mariposas enquanto dormem. E toda vez que ele fazia isso, um pouco do meu amor morria junto.

— Não tem nada de errado em ter uma paixão — diz Joel.

— É só um hobby, na verdade.

— Não tem potencial para se tornar uma carreira?

Passo uma das taças de vinho e concluo que essa história é longa demais.

— Talvez.

Fazemos um brinde delicado. Tomo um gole gelado e sinto um arrepio nas costas que, suspeito, não tem a ver só com o álcool.

Ele se abaixou para observar a fileira de vasos na janela.

— O que você plantou aqui?

— Os últimos são temperos. O restante são só plantinhas de casa. — Dou um sorriso. — Gosto de verde.

Ele se aproxima da outra estante e examina minha pequena biblioteca de guias de viagem: um do Chile, *Aves da América do Sul*, uma coleção de mapas. Livros sobre os Países Bálticos — heranças de uma amiga da mamãe, que viajou para lá na juventude. Meus pais devem ter achado que um dia fariam essa viagem também, mas evidentemente nunca fizeram. O máximo a que chegamos na minha infância foi Espanha e Portugal, além de algumas viagens para acampar na França.

Já passei anos perdida entre as páginas desses livros, viajando para entrepostos esquecidos e paisagens lunares, em que a civilização some de vista e a terra se submete ao céu.

— Você é viajada — resume Joel.

Penso em Grace, em como ela riria disso.

— Só nos meus sonhos.

Ele parece engolir antes de indicar os livros com um gesto.

— Você não...

— Ainda não. Espero que consiga ir um dia. — Dou um gole no vinho. — Tem um parque nacional no Chile, bem ao norte. Sempre foi meu sonho ir lá.

Joel tira os olhos da estante e me encara.

— Sério?

Faço que sim.

— Aprendemos sobre esse lugar na escola. Lembro que nossa professora chamou de... Reserva de Biosfera da UNESCO. — Dou uma risada depois de pronunciar cada palavra com precisão para efeito cômico. — Pareceu tão exótico, tão interessante. Como um lugar no espaço sideral.

Ele ri também.

— Você tem razão, parece mesmo.

Uma menina na minha turma da faculdade tinha viajado para lá e disse ter visto uma ave tão rara que é quase um mito. Isso só me fez querer ir ainda mais, essa ideia de ser surpreendida pela natureza.

— Eu meio que sou atraída por lugares remotos — confesso. — Sabe... Quando a Terra parece maior que você.

Joel sorri.

— É, uma sensação de humildade, né? Tipo quando olhamos para as estrelas e lembramos como somos minúsculos.

Nós nos sentamos no sofá. Joel abaixa a mão para fazer carinho nas orelhas de Murphy.

Dou outro gole no vinho.

— Então, qual o lugar mais interessante que você já visitou?

— Na verdade... eu nunca saí do país. — Ele respira fundo e parece envergonhado, como se tivesse confessado odiar futebol ou os Beatles. — Chato demais, né?

Embora eu fique surpresa, também sinto um pouco de alívio por ele não ter histórias de viagens por todos os continentes como Grace, contos para fazer minha vida parecer ainda mais mundana do que já é.

— De jeito nenhum. Também não sou das mais aventureiras. Tem algum motivo para...?

— É complicado.

Eu me pergunto qual a história por trás disso, mas antes que eu possa entrar nessa questão, ele já muda de assunto e me pergunta há quanto tempo trabalho no café.

— Na verdade, o lugar era de uma amiga minha, Grace. Ela...

— As palavras embolam na minha língua. — Desculpa. Ela faleceu bem recentemente.

Ele não diz nada por alguns instantes. Então, bem baixinho:

— Sinto muito. O que houve?

— Um motorista de táxi atropelou ela e fugiu sem prestar socorro. Estava bêbado.

Uma pausa longa e cuidadosa. Sinto seu olhar passar por mim com delicadeza, reconfortante como uma lanterna na névoa.

— Eles...?

Balanço a cabeça rapidamente.

— O cara pegou seis anos de prisão.

Continuo falando e conto tudo a ele — Grace e a adoção de Murphy, quando saí do emprego para assumir o café.

— Eu era secretária antes, em uma fábrica. Que faz embalagens de metal, sabe? Para latas de bebida, aerossol, tintas... Na verdade, deixa para lá. Estou entediada só de pensar. — Cubro o rosto e dou uma risada. — Então, o que você faz?

De repente ele fica desconfortável.

— Fazia. Eu era veterinário, na verdade.

Incrível. Por um momento, não sei bem o que dizer. Meu instinto, por mais irracional que seja, é me perguntar por que ele

nunca mencionou isso, embora eu me dê conta de que não tinha motivo nenhum para que ele mencionasse.

— Mas não é mais?

— Dando um tempo.

— Burnout?

— Pode se dizer que sim.

— Imagino que ser veterinário pode ser bem estressante. Tipo ser médico.

— É, às vezes é mesmo.

— Você sente falta?

Ele parece procurar a resposta no ambiente ao nosso redor e então me diz que passeia com os cachorros de alguns vizinhos idosos da região, que isso ajuda a apaziguar a sensação de arrependimento.

Abro um sorriso, feliz por ser lembrada de que ainda existem pessoas boas no mundo.

Joel bebe o vinho, a mão parecendo grande ao redor da haste da taça. Ele tem mesmo mãos de veterinário, penso. Competentes, confiáveis.

— Então, para onde Steve se mudou? — pergunto.

— Para um condomínio novo perto da marina.

— Ah, eu passei a maior parte da minha infância por lá. Naquela reserva florestal.

— Waterfen?

— Sim — respondo, contente. — Conhece?

Ele assente, e eu encaro de novo seus olhos de nanquim.

— É um lugar ótimo para esvaziar a mente. Se é que você me entende.

— Entendo.

Conversamos por mais uns minutos até terminar as taças. Mas, antes que eu pudesse oferecer mais, ele já me agradeceu, deu um tapinha de despedida em Murphy e foi até a porta, onde hesita por um momento antes de se inclinar e me dar um beijo na bochecha.

O toque da sua pele na minha faz meu rosto esquentar, e continuo pensando nisso por horas.



No Halloween, Melissa resolve vir lá de Watford para me arrastar até o mercado (algo sobre tangerinas velhas não serem uma boa opção de doces para entregar às crianças).

Mais de uma semana se passou desde que fui tomar um vinho na casa da Callie. Pensei muito em retribuir o convite, já repassei a possível conversa na mente mil vezes com a esperança de tornar minhas palavras mais calmas e normais.

Mas então me lembro de todas as razões que tenho para resistir ao que quer que eu esteja sentindo por ela. Para honrar meu compromisso ao não compromisso. Não que fazer isso seja fácil quando se mora logo embaixo da pessoa. Callie é simpática e calorosa sempre que nos encontramos, e é uma vizinha muito melhor que eu. Ela separa nossa correspondência, me lembra quando esqueço do dia de tirar o lixo. De vez em quando deixa uma embalagem com um pedaço de bolo no meu capacho depois de sair do café.

Mas minha parte favorita de morar no apartamento embaixo do de Callie são as cantorias que escuto enquanto ela está tomando banho de manhã. Ela canta muito mal, mas descobri que não ligo. Acontece que amo acordar com o som estridente e único de sua voz.

Eu poderia parar de ir ao café, talvez. Mas isso parece uma atitude extrema só por causa de uma *crush*. Sou um homem de mais de 30 anos, não um adolescente de 15.

— A gente deveria assustar as crianças de verdade hoje à noite — sugere Melissa enquanto passeamos pela loja. — Você atende a porta.

— Na verdade eu sou ótimo com crianças.

— Por favor. Nunca vi ninguém ficar tão desconfortável perto de uma criança quanto você.

— Mentira sua. Eu amo crianças. Pergunta para os meus sobrinhos.

— Você não gosta de *Toy Story*.

— E daí?

Ela dá de ombros.

— É estranho. Todo mundo gosta de *Toy Story*.

— Sabe o que é estranho? Adultos vendo desenho animado.

Melissa afasta do rosto uma mecha da peruca platinada. A festa a que ia em Watford melou, mas (sem surpreender ninguém) ela continua fantasiada. (Julia Roberts em *Uma linda mulher*. Claro. Mais cedo ela arrumou uma lata de tinta de cabelo prateada e perguntou se eu queria ser o Richard Gere. Eu disse que não.)

— Olha, você pode só andar atrás de mim. Não quero que ninguém saiba que eu te conheço.

— Rá. — Ela me dá o braço. — Eu amo te deixar envergonhado, Joel. Você é tão tenso e nervoso.

Bom, disso eu não posso discordar.

Perco Melissa de vista perto dos doces e aproveito para pegar alguns itens básicos. Feijão em lata, pão de forma, sopa de tomate,

pizza. Talvez um dia eu descubra como cozinhar e faça uma compra de mês como a maioria das pessoas da minha idade. Mas, por enquanto, enlatados e congelados resolvem muito bem minha vida.

— Feliz Halloween de novo — diz uma voz suave como brisa.

Eu me viro, e é ela. Ela me serviu um latte de abóbora e especiarias hoje de manhã, levou até minha mesa com um fantasma feito de suspiro e um sorriso que ainda não me saiu da cabeça.

— Sabe — diz ela —, a gente esqueceu de falar sobre quem vai atender as crianças hoje.

Finjo pensar nisso por um momento.

— Bom, na verdade não acredito em pedir doces.

— Interessante.

— Minha teoria é: se você fingir que as crianças não existem, elas acabam indo embora.

Callie balança a cabeça devagar.

— Minha teoria é: você fica mais perto da porta. Vai mesmo me fazer descer correndo as escadas toda vez?

Eu arqueio a sobrancelha, zombeteiro.

— Talvez.

— Certo. Vamos fazer um acordo justo, então. — Ela mostra alguns pacotes de balas temáticas de Halloween. — Eu compro os doces. Mas a gente tem que dividir o que sobrar depois.

Trocamos um olhar. E uma sensação desce pela minha garganta e para no meu estômago em voltas longas e lúcidas.

Mas agora sinto o gosto do perfume de Melissa e seus braços envolvendo minha cintura. Meu coração se aperta um pouco, o

que não é justo com ela. Mesmo assim, em minha defesa, ela está vestida de prostituta.

— Peguei as balas, gato. Vamos.

Eu solto um pigarro.

— Melissa, essa é a Callie.

Nos olhos verde-dourados de Callie, algo se apaga.

— Oi.

— Oi — diz Melissa, imitando exatamente o tom dela. — Do que você está vestida?

Callie fica surpresa, depois olha para mim.

Envergonhado, balanço a cabeça para Melissa.

— Só você está fantasiada.

— Melhor eu ir logo — diz Callie educadamente. — Prazer te ver.

Melissa puxa minha mão em direção ao caixa, as botas estalando no piso de linóleo.

— Quem era aquela vaca?

— Ei. — Eu paro e largo a mão dela. — Isso foi um pouco demais.

O rosto dela se ilumina.

— Joel! Só estou brincando com você. Viu o que eu quis dizer quando falei que você é todo tenso e nervoso?

— Você não está ajudando.

— Então, quem é ela?

— A vizinha nova. Ela se mudou para o apartamento do Steve.

— Sabe o que seria bom para você?

— Pagar isso e ir para casa? De preferência sozinho?

— Rá. Você sabe que me ama.

Não, penso. Não amo, nem um pouco.

* * *

Estou sentado no chão da sala, com as costas apoiadas na parede, uma caixa de pizza perto dos joelhos. Como de costume, pedi uma pizza grande de pepperoni para dividir, como Melissa gosta. Mas ela nunca come mais do que dois pedaços, e eu sempre tenho que catar os pepperonis.

Ela se abaixa ao meu lado e pega uma fatia da caixa.

— Ei, sabia que a gente já está fazendo isso há uns três anos?

— Esse tempo todo?

Um sorriso cético.

— Até parece que você não lembra a data exata em que me viu pela primeira vez.

Na verdade, não lembro. Mas me lembro da ocasião. Uma aula de spinning noturna, numa época em que eu achava que fazer exercícios físicos extenuantes talvez fosse a resposta para todos os meus problemas. (Eu não estava tão errado assim; quase caí morto na metade da primeira aula.)

Melissa se aproximou de mim no final, toda Lycra e rabo de cavalo balançante, a maquiagem ainda no lugar. Eu estava dobrado ao meio na hora, me esforçando ao máximo para não vomitar.

— Resolução de Ano-Novo?

Era janeiro, por acaso. Mas eu não ligo muito para essas coisas.

— Só quero entrar em forma — respondi, sem fôlego.

— E como está indo?

— Melhorando.